

vida pastoral

janeiro-fevereiro de 2025 – ano 66 – número 361



JUBILEU 2025

PEREGRINOS DE ESPERANÇA



Um debate sobre religião e extrema direita no Brasil.



*“Se quiser discutir com
um político, um pensador
de extrema direita, fale
sobre justiça social,
fale horizontalmente”*

(Papa Francisco).



Aponte a câmera
do seu celular e
saiba mais!

Garanta o seu exemplar.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

A esperança é o olhar de mulher grávida no silêncio da madrugada. Um olhar entre o limiar do medo da dor do parto e a alegria de dar à luz. Luz que rompe a escuridão da noite e sorri no clarão da aurora. Luz que manda embora o medo. Mamãe, dona Mirian, mulher de muitos partos, sempre diz que a dor do parto é inexplicável, de tão dolorosa; contudo, ao ter no colo aquela vidinha tão frágil, que chega ao mundo chorando, o primeiro abraço, a primeira amamentação são uma espécie de eternidade.

O apóstolo Paulo usa a imagem do parto para falar de uma realidade cósmica que anseia por libertação e espera um futuro feliz para toda a criação. “Sabemos que a criação inteira geme e sofre até agora com dores de parto” (Rm 8,22). Os gemidos da criação são também os gemidos da humanidade, porque tudo que Deus criou está interligado e tudo o que ele fez é bom. Jesus veio resgatar a bondade do mundo: “Não vim para condenar o mundo, mas para salvar o mundo” (Jo 12,47). Nisso consiste também a esperança. O mundo tem futuro, apesar de todos os cenários nada promissores.

Atravessamos o doloroso período pandêmico da Covid-19, de 11 de março de 2020 a 5 de maio de 2023; carregamos em nós suas sequelas, na saúde mental e física, bem como as consequências econômicas, sociais e culturais. Se a humanidade vivia em crise, a Covid-19 escancarou-a ainda mais. Clama aos céus a crise humanitária, expressa na realidade de tantos irmãos que sobrevivem ao relento da rua. Essa realidade não decorre da falta de recursos materiais. Nunca se produziu tanta riqueza quanto agora. Todos temos necessidade de encontrar nosso lugar no mundo e nos sentirmos em casa nele. Ocorre que, no mundo todo, há uma distância abissal que separa os miseráveis dos super-ricos. Bastaria breve contemplação das paisagens das cidades mais poderosas do mundo para notar a ostentação do luxo nos arranha-céus e suas fachadas, em contraste com os trapos humanos perambulando feito zumbis nas ruas e guetos de fronteiras invisíveis.

Como se não bastasse, os líderes dos países mais poderosos do mundo não se entendem e as guerras se instalam, ceifando vidas, principalmente de jovens e crianças. Os velhos encarquilhados no mal criam guerras, mas são os jovens que vão para o fronte lutar por aquilo com que eles nunca sonharam.

Além disso, a humanidade tem convivido, cada vez mais, com eventos climáticos extremos: secas e enchentes, frio e calor, incêndios sem precedentes. Diante de tudo isso, a criação realmente geme em dores de parto. “Gememos interiormente, esperando ansiosos a redenção de nosso corpo. Pois na esperança já fomos salvos” (Rm 12,23-24). Essa espera quer dizer esperar, caminhar juntos. Nosso desafio é olhar o horizonte com esperança de futuro bom.

A esperança é como um olhar de sertanejo para o horizonte em tempos longos de estiagem. Recordo-me dos muitos olhares de papai, senhor Antônio (*in memoriam*), o Cabeça, como era conhecido. Do alpendre de casa, olhava para o nascente com os olhos semicerrados, por causa de sua vista já turva. Seu olhar procurava algum sinal de relâmpago no horizonte. Ao ver o sinal, nem que fosse um pequeno relampejar, anunciava que brevemente choveria. E chovia.

O Jubileu de Esperança é um convite a olharmos para o horizonte, na penumbra da realidade histórica conturbada, afinal, cada ser humano carrega em seu bojo a finalidade definitiva e o horizonte derradeiro ao qual se direciona. Jesus é nosso horizonte. Ele é o futuro que advém continuamente ao presente concreto e estreito do ser humano e do universo. Essa é a esperança que aponta para o horizonte. “E a esperança não decepciona, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações” (Rm 8,5). Nessa esperança haverá um novo parto, um mundo novo.

Boa leitura.

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 66 - Nº 361
Janeiro-fevereiro de 2025



© PAULUS – 2025
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Philipe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão

Alexandre S. Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

ENTREVISTA – JUBILEU DE ESPERANÇA 2025:
A ESPERANÇA NÃO DECEPCIONA NEM ENGANA..... 4
Dom João Justino de Medeiros Silva

PEREGRINOS DE ESPERANÇA
NO MUNDO EDUCATIVO 14
Pe. Júlio César Evangelista Resende

VIVER A ESPERANÇA A PARTIR
DAS CHAGAS DOS POBRES E DA TERRA..... 22
Dom Vicente Ferreira

RESSONÂNCIAS DO CONCÍLIO VATICANO II
NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO 28
Pe. Edmilson José dos Santos

ROTEIROS HOMILÉTICOS 37
Gisele Canário

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 30 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

☎ (11) 3789-4000

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136 – Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01 – Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599 – Centro
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523 – Centro
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metró Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
(86) 3142-1295 / 99935-0001
teresina@paulus.com.br

UBERLÂNDIA – MG

Av. Cesário Alvim, 757 - Loja 1 – Centro
(34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Conversa com dom João Justino de Medeiros Silva sobre o Jubileu de 2025, transcrita da *live* realizada com Pe. Antonio Iraldo, pelo canal do Youtube da Paulus, em 26 de junho de 2024, às 15 horas (<https://www.youtube.com/watch?v=DjKJGEDiV18>). Dom João Justino é arcebispo metropolitano de Goiânia e o primeiro vice-presidente da CNBB.

Entrevista

JUBILEU DE ESPERANÇA 2025

A esperança não
decepciona nem engana



Dom João Justino, poderia nos falar um pouco de sua vida: onde o senhor nasceu, sua família, vocação, estudos...?

D. João Justino: Nasci na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Sou o quarto filho de uma família de cinco filhos; tenho duas irmãs e dois irmãos. Nasci em 1966, um ano após o Concílio Vaticano II. Fui tomando consciência do que era a Igreja por meio da catequese, em preparação à primeira Eucaristia. Ali, na comunidade paroquial Nossa Senhora do Líbano, na cidade de Juiz de Fora, pude fazer todo o itinerário de crescimento de fé e crescimento vocacional, tendo ido, em fevereiro de 1984, para o Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, onde estudei Filosofia e Teologia. Também estudei Ciências Sociais, na Universidade Federal de Juiz de Fora, e tive ainda a oportunidade de estudar Pedagogia. Fui ordenado padre em dezembro de 1992. Trabalhei dezesseis anos na formação presbiteral, no seminário arquidiocesano em Juiz de Fora. Atuei em três paróquias. Fui nomeado bispo auxiliar de Belo Horizonte em dezembro de 2011. Em Belo Horizonte fiquei até 2017, quando fui nomeado arcebispo coadjutor de Montes Claros, norte de Minas. Ali fui arcebispo metropolitano e, em dezembro de 2022, fui nomeado arcebispo de Goiânia. Na CNBB, tive a oportunidade de presidir dois mandatos: a Comissão Episcopal para Cultura e Educação e, em maio de 2023, fui eleito primeiro vice-presidente. Neste momento, estou também coordenando a Comissão Especial para o Jubileu do ano 2025.

A Igreja se prepara para viver o “Jubileu de Esperança”, que será inaugurado em 24 de dezembro de 2024. Por que o papa Francisco promulgou o jubileu com o tema da esperança e o lema “Peregrinos de esperança”?

D. João Justino: É importante lembrar que o papa Francisco foi eleito em março de 2013. E logo ele quis oferecer à Igreja a oportunidade de um jubileu extraordinário, fora das datas mais comuns dos jubileus. Teve início, em dezembro de 2015, o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Naquele momento, o papa nos deu uma bula com o título: “Jesus, o rosto da misericórdia do Pai” [*Misericordiae Vultus*]. E foi um Ano Santo belíssimo, marcado inclusive por uma lembrança muito forte: a indicação do papa de que, em todas as dioceses, os bispos diocesanos estabelecessem portas santas, para visibilizar a experiência da passagem, da mudança na vida, a partir da experiência da misericórdia. Pois bem, o papa celebrou o Ano Santo da Misericórdia e agora se aproxima o Jubileu de 2025, quando celebraremos 2.025 anos do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Em si, o jubileu já era esperado, previsto, mas o papa Francisco nos dá essa novidade que é caracterizar, tematicamente, esse jubileu, propondo como eixo o tema da esperança.

O papa, em fevereiro de 2022, escreveu uma carta a Dom Rino Fisichella, que é hoje pró-prefeito do Dicastério para a Nova Evangelização. Nessa carta, o papa apresenta a esperança como tema do Jubileu de 2025. O tema “Peregrinos de esperança”, apresentado em 2022, inscreve-se no contexto

“A peregrinação é uma metáfora da história, da vida de cada um de nós e da própria história humana.”

pós-pandemia. Naquele momento, ainda estávamos com muitos reflexos da pandemia do coronavírus, que ceifou, só no Brasil, praticamente setecentos mil vidas e, no mundo, mais de dez milhões de vidas. Foi um impacto, uma experiência muito dura, que tocou o coração das pessoas, trazendo desesperança, a muitos o desânimo, muitas perdas em vários âmbitos da vida. Além disso, outro fator é o contato direto que o papa tem com a realidade múltipla de sofrimento no mundo inteiro, países em que a fome ainda é uma realidade muito dura, as situações das guerras. Recentemente, tive acesso a um relato de que há, neste momento, no mundo inteiro, 52 países em situações de conflito. Quando são consideradas guerras entre países ou nacionais, fala-se de 92 países envolvidos. Há muita gente sofrendo com guerras. Há, também, o problema seriíssimo da migração. Então, o papa Francisco, vendo essa realidade, reconhece que é preciso manter acesa a chama da esperança. Essa esperança nos foi dada já na experiência da fé batismal, no amor de Cristo que foi derramado em nossos corações, como diz o apóstolo Paulo: “a esperança que não decepciona”, ou “que não engana”. Aliás, é este o título que o papa escolheu para a bula que publicou no dia 9 de maio de 2024: *Spes non Confundit* (“A esperança não engana, não decepciona”). Um convite a que nós, cristãos, retomemos e renovemos a esperança, que é e está diretamente associada à fé e à caridade como uma das virtudes teológicas. Por isso “Peregrinos de esperança”.

O papa reconhece que todos nós esperamos; faz parte da condição humana, da natureza humana, a experiência da esperança. Pode estar, às vezes, num nível meramente terreno, mas, do ponto de vista da fé, se abre ao transcendente, à dimensão sobrenatural, à dimensão divina, o que é próprio de nós, que celebraremos o jubileu. Não se esquecendo de que viver é peregrinar. A peregrinação é uma

MAS VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO?

Comunicação e conflitos no casal

Anna Bertoni /
Barbara Bevilacqua



Este livro revela como escolhas práticas e conscientes podem transformar a dinâmica do relacionamento, ao explorar os aspectos positivos dos conflitos e a importância de falar com clareza e ouvir com empatia.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

metáfora da história, da vida de cada um de nós e da própria história humana. A gente pode dizer “peregrinar humano sobre esta terra”, para dizer que a vida é uma peregrinação.

Para Paulo Freire, a esperança não é um substantivo, mas um verbo: “esperançar”. Segundo Santo Agostinho, “a esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem; a indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem, a mudá-las”. Como definir a esperança?

D. João Justino: Se olharmos o Catecismo da Igreja Católica, há um conjunto de parágrafos, depois você pode conferir, parágrafos 1.817 a 1.821. Lá se fala da esperança como uma das virtudes teologais. De um modo muito simples de entender, ela corresponde à aspiração de felicidade colocada por Deus no coração de toda pessoa. Isto é, toda pessoa que vem a este mundo tem, em seu coração, uma aspiração à felicidade. Isso corresponde à esperança. É por isso que, no caso, Paulo Freire, criando o verbo “esperançar”, para traduzir a ideia de “mais do que esperar, mas viver permanentemente movido pela esperança”, corresponde à palavra que você, padre Antonio Iraldo, recordava de Santo Agostinho. A esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem. A indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão. Então, a esperança tem forte acentuação no agir, pois, se é preciso ter coragem para mudar as coisas que não estão bem, isso significa que a esperança está ligada à ordem do agir, da ação. E essa ação há de ser movida pela aspiração de felicidade colocada por Deus no coração de toda pessoa. Lembrando que é a felicidade do Reino, não é a felicidade terrena, não é a felicidade que corresponde apenas à posse dos bens materiais. Essa felicidade é fugaz, passageira. Trata-se daquela felicidade da qual experimentamos lampejos

neste mundo, mas está aberta à vida eterna, à vida definitiva. Nesse sentido, a esperança é o próprio Senhor: nós esperamos nele, esperamos ele, esperamos com ele. E toda expressão de comunhão com nosso Senhor Jesus Cristo haverá de suscitar em nós, renovar em nós, fortalecer em nós a esperança. Há uma frase de Charles Péguy, um escritor católico francês, da passagem do século XIX para o século XX, que é muito bela, muito simples. Ele diz que “a caridade ama aquilo que é, e a esperança ama o que será”. Repito, Charles Péguy diz: “A caridade ama aquilo que é, e a esperança ama aquilo que será”. E aí entendo, por exemplo, por que as pessoas se dão em casamento. Elas se amam e depositam grande amor uma na outra, e a esperança de que aquele amor que estão vivendo será ainda mais fecundo no futuro. Por isso as pessoas se dão em casamento; por isso os casais acolhem o dom da vida, acolhendo os filhos; por isso os pais educam seus filhos, na esperança de que amanhã eles serão jovens, adultos, estarão amadurecidos, realizarão em sua vida tantos projetos. Então, a esperança nos move nesse sentido de amar aquilo que será. Isso nos faz agir hoje. Não esperamos de braços cruzados, mas esperamos. Agimos com esperança.

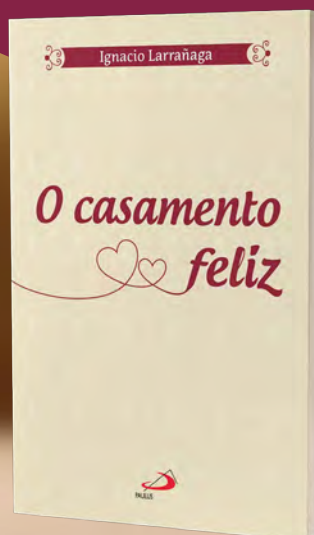
O lema do jubileu – “Peregrinos de esperança” – faz-nos lembrar que estamos sempre a caminho e que a esperança é nosso horizonte. Olhando para nossa realidade brasileira, marcada por contrastes sociais e econômicos, onde, no espaço da política, vivemos uma sensação constante de polarizações, que influi também nas relações humanas, como alimentar a esperança de uma sociedade mais fraterna?

D. João Justino: Creio que aqui estamos falando do tema da esperança no horizonte do Jubileu do ano de 2025, estamos no registro da fé. Eu diria assim: uma esperança

meramente terrena poderá enganar-se, poderá ser fonte de engano para muitos, poderá não conduzir a um caminho em que a pessoa experimente fazer parte de uma história que não termina em nós, mas está aberta ao definitivo, está aberta ao céu, podemos dizer assim. E aí, para os que têm fé, a esperança está conectada ao mistério pascal. cremos que a vida vence a morte, porque a vida venceu a morte em Jesus Cristo. Jesus acolheu a cruz, aceitou a cruz, entregou sua vida nela e a venceu por dentro. Ora, podemos, nesse sentido, dizer que, para os cristãos, a própria cruz é sempre sinal de esperança. E aí compreendemos que somos chamados a alimentar a esperança em uma sociedade mais justa, mais fraterna, que supere as desigualdades que diminuem a dignidade das pessoas, ou lhes roubam a dignidade, ou as humilham em sua condição humana. A esperança em uma sociedade reconciliada pede de nós, cristãos, a coragem de viver de modo pascal. O que é viver de modo pascal? É perceber que todos os dias somos chamados a alimentar-nos da fé no mistério da Páscoa, lembrando que as dificuldades que podemos viver, os momentos difíceis, as tristezas, as angústias, tantas formas de sofrimento, tudo isso poderá ser transformado e é transformado cada dia. Então, viver de modo pascal é entender que todos os dias estamos passando por esse processo de transformação. É bela a natureza quando nos dá o exemplo da borboleta, não é? A lagarta se transforma em borboleta. Mas há um processo ali, processo que pede algum tempo. Nossa vida pede atenção, porque às vezes precisaremos de pequenos períodos, às vezes de períodos mais longos, mas sempre alimentando em nós a fé e a esperança de que alcançaremos aquilo que é o melhor, que viveremos e experimentaremos a vitória da vida sobre a morte, da alegria sobre a tristeza, da esperança sobre a desesperança. Nesse sentido, nós, que somos cristãos, somos

O CASAMENTO FELIZ

Ignacio Larrañaga



Este livro visa transformar a jornada do matrimônio em uma aventura bem-sucedida. Traz valiosas orientações para iluminar o caminho na busca pela felicidade da vida a dois.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

movidos pela esperança do Reino. E essa esperança do Reino de Deus nos alimenta, em cada dia de nossa vida, uma espiritualidade pascal. A liturgia da santa missa nos ensina isso todas as vezes que exclamamos: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus”. A esperança está alicerçada aí. Somos semeadores dessa alegria pascal, dessa coragem pascal, e isso é que alimenta em nós o desejo de fazer o mundo ser melhor, de modificar as relações, de buscar a prática da justiça, de ser mais criteriosos no exercício das nossas escolhas, para que estejam em conformidade com o Evangelho, os valores que Jesus Cristo nos ensina.

Em um cenário global ferido por ódio, guerras, crises humanitárias e eventos climáticos extremos, qual o lugar da esperança nesse contexto?

D. João Justino: O lugar da esperança é um lugar especialíssimo, para que não deixemos que o desânimo, a falta de *anima*, de alma, tome conta de nós. Ao contrário, somos chamados à esperança diante de tantas situações difíceis, de ódio, guerras, crises humanitárias, eventos climáticos como estes que estamos vivendo. Tudo isso pede de nós, em primeiro lugar, a coragem, o ânimo, a paciência. É interessante porque o papa Francisco associa, na bula *Spes non Confundit*, a esperança à paciência, dizendo explicitamente (lembrando o apóstolo Paulo): “gloriamo-nos também das tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência; a paciência, a firmeza; e a firmeza, a esperança”. Então, o papa diz que, em tais situações, através da escuridão, vislumbra-se uma luz. Descobre-se que a evangelização é sustentada pela força que brota da cruz e da ressurreição de Cristo, de que falávamos há pouco, no sentido do mistério pascal. E conclui essa parte, dizendo que isso faz crescer uma virtude que é parente próxima da

esperança: a paciência, a capacidade de dar tempo (não de modo, vamos dizer assim, inerte; não estejamos parados). Podemos dizer, uma paciência ativa, que, nesse sentido, se associa muito a uma palavra a que hoje se recorre, “resiliência”, a capacidade de a pessoa superar seus problemas com mais tranquilidade, com mais serenidade, com leveza, com sabedoria. Se quisermos citar a música ou a poesia: “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”. Viver essa resiliência, que pede de nós a coragem, a paciência, tudo isso são facetas da esperança. Se perdemos a esperança, quando caímos, não queremos levantar. Mas a esperança é aquilo que nos atrai, lembra aquilo que falávamos antes, a aspiração de felicidade colocada por Deus no coração humano. Mesmo nas dificuldades, lembrar sempre que Deus já semeou em nosso coração esse desejo pela felicidade. Portanto, é algo que precisamos puxar lá de dentro, disso que o Senhor semeou em nós, para superarmos essas situações tão adversas que vivemos em nosso tempo.

A esperança cristã é nosso guia. Essa esperança não decepciona, como ensina o apóstolo Paulo e o tema do jubileu ilumina: “A esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações” (Rm 5,5). Como viver o jubileu em um

“Toda pessoa que vem a este mundo tem, em seu coração, uma aspiração à felicidade. Isso corresponde à esperança.”

Brasil tensionado pelo discurso de ódio, muitas vezes disseminado inclusive por boa parte da parcela que se diz cristã?

D. João Justino: Nenhum de nós pode se esquecer de que toda celebração do jubileu traz em si um apelo à conversão. Originalmente, na Sagrada Escritura, sabemos que o jubileu é um tempo de recomeço. Mas não é possível recomeçar sem revisão de vida. Portanto, celebrar o jubileu é estar atento àquilo que precisamos fazer de modo diferente em nossa vida. Repito, todo jubileu traz em si um apelo à conversão, ou um apelo a renovar nossa adesão de fé; por conseguinte, traz um apelo ao perdão. Ora, ninguém poderia celebrar o jubileu sem disposição para tornar mais intenso, mais sólido, mais forte, mais fecundo seu vínculo de fé, que faz da pessoa, do crente, um fiel discípulo missionário do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Então, a celebração do jubileu é para experimentarmos a graça do perdão, da conversão, da misericórdia, da clemência de Deus. Deus é indulgente conosco, é clemente, é misericordioso, em vista da nossa conversão. Portanto, cada um de nós precisa escutar, no tempo do jubileu, este apelo de voltarmos mais para o Senhor. Isso significa aprofundar nossa experiência de fé, nossa adesão a Jesus Cristo, ponderar se não estamos nos deixando levar por aquilo que é periférico na nossa fé e deixando o que é mais essencial de lado. O jubileu é também tempo para um recomeço, que supõe uma purificação; traz também o apelo à unidade. E esse em especial, pois estaremos celebrando os 1.700 anos do Concílio de Niceia, recordando que, infelizmente, tivemos diversas experiências de separação ao longo destes 1.700 anos; recordando que o apelo à unidade é apelo já presente no Evangelho de Jesus Cristo: “Pai, que todos sejam um, como eu e tu somos um”. Jesus ora ao Pai pela unidade dos seus discípulos. Por

ESPIRITUALIDADE DO AGENTE DE PASTORAL

*Humberto Robson de
Carvalho/ Caio Henrique
Esponton*



O objetivo da obra é fortalecer a vida espiritual de cada agente, promovendo um novo nascimento diário no Espírito e conectando esse nascimento diretamente à missão de anunciar o Reino de Deus.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Providência divina, no ano de 2025, todos aqueles que celebram a Páscoa a celebrarão no mesmo dia, pois a data da Páscoa, no ano de 2025, coincidirá para todos os cristãos. Trata-se certamente de um sinal de Deus para nos convidar a intensificar o sentido da nossa comunhão, da busca por unidade e, reitero, por uma vivência mais coerente da fé cristã, dos valores cristãos.

O que podemos fazer, em nossas comunidades e paróquias, para vivenciar o jubileu em comunhão com toda a Igreja?

D. João Justino: Primeiro, seria muito interessante que, para compreender o sentido deste jubileu, as pessoas todas pudessem se dedicar à leitura da bula. Embora o nome “bula” não seja muito conhecido, trata-se de um documento do Santo Padre que indica a promulgação do jubileu: em latim, *Spes non Confundit*, ou seja, “a esperança não engana” (Rm 5,5). São poucas páginas, 25 parágrafos, mas é um texto muito importante de ser conhecido, de ser lido; portanto, de ser meditado. É uma fonte de meditação, uma fonte de oração. Quem ler vai encontrar muitas inspirações para viver e celebrar o Jubileu de 2025. Segundo, é importante estar atento aos vários exercícios que vão ser oferecidos, as atividades na sua comunidade de origem, na sua paróquia ou na sua diocese. Muitos são os eventos que acontecerão em Roma. Mas a Roma irão, aproximadamente, duzentos mil brasileiros como peregrinos. O papa sabe que os milhões e milhões de brasileiros que não irão a Roma celebrarão o jubileu em terras brasileiras, nas suas dioceses, nas suas comunidades. Então, é importante estar atento à programação que sua comunidade estará vivendo. Veio-me também sugerir que cada um se prepare para o jubileu fazendo uma espécie de pequeno projeto pessoal para vivê-lo, considerando as dimensões da vida,

como a pessoal, a eclesial e a social. Ou aqueles três níveis que, em muitos documentos da nossa Conferência Episcopal, costumamos trabalhar: a pessoa, a comunidade e a sociedade. Cada um poderia se perguntar: “Como vou renovar minhas esperanças? Como vou cuidar da esperança, entendida como aspiração à felicidade que Deus semeou em meu coração, considerando a mim mesmo, minha pessoa, considerando minha comunidade, considerando a sociedade?” Aí cada um poderá fazer seu projeto pessoal, como às vezes fazemos no tempo quaresmal, em vista da Páscoa, ou no tempo do Advento, em vista do Natal. Agora podemos fazer um projeto pessoal, que você pode guardar no seu coração como projeto, em que você poderá investir seu tempo, suas energias, sua atenção, enfim, sua vida, para alcançar aqueles horizontes que estão ali, inspirados no tema do jubileu. E em relação às redes sociais, eu indicaria assim: vamos todos fazer um voto pessoal. Qual? De utilizar as redes sociais para comunicar a esperança. Não façamos das redes sociais um lugar para semear ódio, mentiras, *fake news*, calúnias, mas vamos comunicar a esperança, vamos animar as pessoas a colocar seu lado bom, que é sempre maior dentro de cada um de nós, para atuar na vida onde estejamos; que ali seja o espaço de deixarmos a bondade que está em nós, que somos nós, ganhar mais espaço, mais visibilidade. Fazer um voto pessoal para utilizar as redes sociais e comunicar a esperança, sempre. Creio que isso será muito importante. São coisas que pensei naturalmente, não quis aqui entrar em muitas atividades que são próprias do Ano Jubilar: as peregrinações, a abertura, que acontecerá solenemente em cada diocese no domingo, 29 de dezembro, os momentos penitenciais que poderão ser vividos... Quis destacar, sobretudo, este aspecto de como, conhecendo a bula, também vamos nós fazer um projeto pessoal para viver o jubileu.

O senhor poderia nos deixar algumas palavras de incentivo e uma bênção para todo o povo de Deus das comunidades, especialmente no sentido de alimentarmos sempre mais a esperança, em comunhão com o papa Francisco, que tem insistido conosco para uma Igreja em saída, uma Igreja sinodal, que verdadeiramente caminha unida?

D. João Justino: Nesta palavra final, recorro à ajuda do cardeal José Tolentino. Ele tem um livro belíssimo, *O poder da esperança*, e em uma das páginas ele diz: “Os cristãos vivem a esperança em trânsito pascal, em saída. A esperança não se esgota nunca no presente, ela é tensão, emergência do futuro”. Então, se queremos viver, se queremos olhar para a frente, se temos diante de nós tantos horizontes, às vezes horizontes que estão com algum obstáculo, alguma nuvem, alguma sombra, não tenhamos medo; pelo contrário, tenhamos coragem, paciência, resiliência e esperança para continuar nosso caminho, lembrando que o amor de Deus foi derramado em nossos corações. Esse amor, a esperança na forma de viver, de amar aquilo que será, para citar Péguy novamente, sustentem nosso caminho. Quero concluir fazendo uma brevíssima oração que está em nosso Missal Romano, na nova edição, uma oração de bênção. O ordinário da missa tem várias orações sobre o povo para o fim da celebração. E temos, no número 19, uma bela oração. Eu a faço e peço a bênção de Deus para todos: “Atendei, Senhor, os que vos suplicam e acompanhai os que colocam sua esperança em vossa misericórdia, para que sigam firmes no caminho da santidade e, conseguindo o necessário para esta vida, possam tornar-se herdeiros das vossas promessas eternas. Por Cristo, nosso Senhor”. Que o Senhor abençoe a todos, a você, meu irmão, a sua família e a sua comunidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

vp

FAMÍLIA E SEXUALIDADE

Desafios e novas perspectivas

Pe. Márcio José Costa Teixeira



O livro ajuda na reflexão sobre a sexualidade humana, o matrimônio e a família à luz dos desafios dos tempos atuais.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

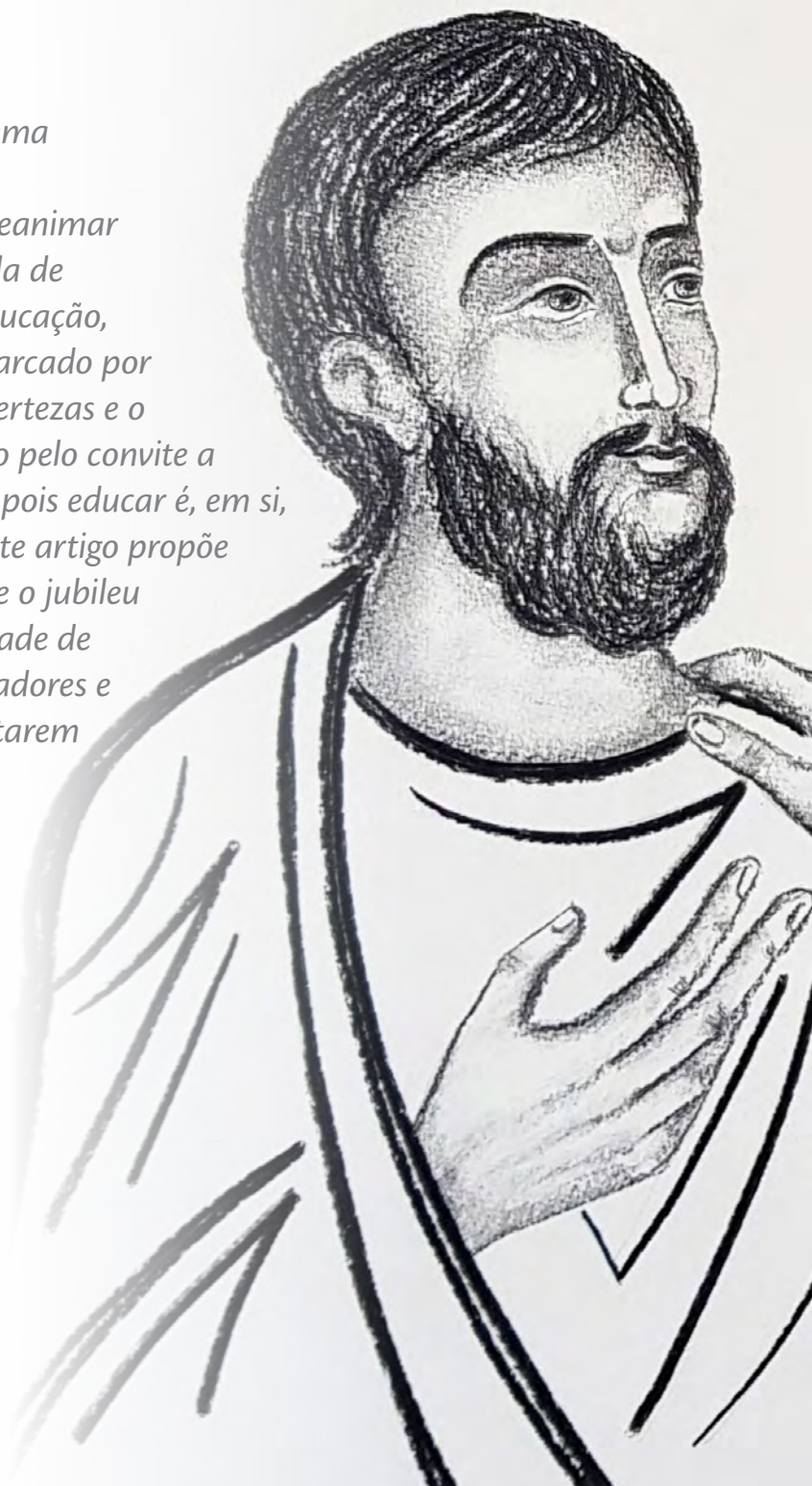
Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Peregrinos de esperança no mundo educativo

O Jubileu de 2025, com o tema “Peregrinos de esperança”, provoca a humanidade a reanimar a caminhada com uma vida de esperança. O mundo da educação, plural e profundamente marcado por ambiguidades, entre as incertezas e o medo do futuro, é inspirado pelo convite a peregrinar com esperança, pois educar é, em si, ato de esperança. O presente artigo propõe elencar alguns aspectos que o jubileu apresenta como oportunidade de ajudar as famílias, os educadores e os estudantes a se reencantarem pela arte de educar com e na esperança.

Pe. Júlio César Evangelista Resende, osc, religioso da Ordem da Santa Cruz, os Crúzios. Mestre em Educação pela PUC-Minas, assessor do Setor Educação na CNBB e membro da Equipe Nacional de Animação do Jubileu 2025. E-mail: fraterjulio@yahoo.com.br





“O papa Francisco provoca a humanidade a reencantar-se pela vida, não de forma isolada, mas em um profundo sentido de comunidade e de abertura ao transcendente.”



INTRODUÇÃO

O Jubileu de 2025, com o tema “Peregrinos de esperança”, lança um inspirador convite à humanidade, em sua complexa realidade de múltiplas crises, e indica a urgência em fomentar horizontes de esperança para o mundo. Na bula *Spes non Confundit*, o papa Francisco provoca a humanidade a reencantar-se pela vida, não de forma isolada, mas em um profundo sentido de comunidade e de abertura ao transcendente. O papa não propõe uma esperança ingênua, mas enraizada na fé que conduz à conversão e ao compromisso transformador. O convite a peregrinar com esperança é essencial em todos os ambientes, mas a educação deve ser, por excelência, seu lugar de cultivo e fomento, pois educar é um ato de esperança.

O recente relatório da Unesco (2022) sobre o futuro da educação indica que as marcas da atual conjuntura histórica, com a ampliação da desigualdade social e econômica, as mudanças climáticas, o retrocesso democrático, a automação tecnológica disruptiva e as crises migratórias, ameaçam a dignidade da vida humana e a vida no planeta e potencializam a descrença em um futuro melhor, afetando particularmente as novas gerações. Em confluência com essa perspectiva, o papa Francisco descreve a realidade na qual muitas pessoas, diante das ambiguidades do mundo, se encontram desanimadas e, assim, olham para o futuro com ceticismo e pessimismo.

Nesse mosaico de inúmeros desafios, aqueles que atuam no imenso e plural ambiente educativo são provocados pela proposta do

jubileu, como *peregrinos de esperança*, a colaborar na reflexão e no cultivo de uma viva esperança. Os que educam levam à frente árdua missão: auxiliam, como artesãos, as novas gerações a se inserirem na história, buscando ser sujeitos que dão sentido à existência e contribuem para a edificação do mundo. O presente artigo pretende indicar alguns aspectos que o Jubileu de 2025 apresenta como oportunidade de, à luz da fé em Cristo, ajudar as famílias, os educadores e os estudantes a se reencantarem pela arte de educar *com e na* esperança. Nas palavras do papa: “Que o jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança” (Francisco, 2024, n. 1).

1. O EDUCADOR COMO TESTEMUNHA DA ESPERANÇA

O jubileu desperta os educadores, como testemunhas da esperança, a “primeirar”,¹ acolhendo, orientando e formando crianças, adolescentes, jovens, adultos e famílias em vista de uma vida comunitária compartilhada, de uma sociedade na qual a fraternidade é ponte que reconcilia os diferentes. O Ano Santo vocaliza o ato de esperar vidas que cada educador assume ao mediar conflitos, propor a paz, estabelecer relações de proteção à Casa Comum, favorecer a amizade social e semear o sonho de uma economia solidária.

A esperança é o fio condutor que guia a educação, mantendo viva a chama do potencial em cada estudante. Para além de ensinar matérias e conceitos, a educação tem o

¹ Termo, usado pelo papa Francisco, que significa o ato de chegar antes, adiantar-se ao outro, tomar a iniciativa.

poder de impactar vidas de forma positiva e duradoura. Segundo essa perspectiva, educar nada mais é que um ato de esperança, pois o educador tem a missão de catalisar sonhos, incentivando os estudantes a acreditar em si mesmos e a perseguir seus objetivos com fervor. Tal missão envolve nutrir não apenas o intelecto, mas também o espírito, construindo alicerces sólidos para um futuro esperançoso. Nesse sentido, o papa Francisco utiliza três imagens para indicar o percurso de uma educação integral: a linguagem da cabeça, do coração e das mãos. Com isso, ele se refere à parte intelectual e cognitiva do processo educativo; ao sentimento e sonhos de cada pessoa; à realidade de inserção na vida e no mundo. Uma educação que seja integral contempla essas três dimensões.

Como indicou o patrono da educação brasileira, professor Paulo Freire, é preciso “esperançar”, como iniciativa que implica ação e esforço para concretizar mudanças e transformações na realidade. Esperançar significa acreditar na possibilidade de um futuro melhor e trabalhar ativamente para alcançá-lo, promovendo a justiça social, a equidade e a emancipação das pessoas. Dessa forma, a esperança não é apenas uma realidade individual e estática, mas sobretudo uma força transformadora na história, inspirando as pessoas a trabalhar pelo bem comum. Para aqueles que educam, a esperança é força que entusiasma e faz perseverar na arte de educar, no propósito de promover experiências humanizadoras que despertem nas novas gerações o apaixonado cuidado com a vida, com o planeta, e a promoção da dignidade humana e da fraternidade.

2. PEREGRINOS NO COMPLEXO MUNDO EDUCATIVO

Ser educador é ser um peregrino nas fronteiras do mundo, é caminhar entre luzes e sombras da realidade educacional na atualidade, marcada pela pluralidade. O olhar sensível

ESPIRITUALIDADE CONJUGAL E FAMILIAR

*Humberto Robson de
Carvalho/ Caio Henrique
Esponton*



As reflexões propostas neste livro intencionam ser uma contribuição para que a espiritualidade cristã se torne o meio pelo qual a ação pastoral paroquial seja eficaz.



Aponte a câmera do
seu celular e confira a
degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“O Ano Santo vocaliza o ato de esperar vidas que cada educador assume ao mediar conflitos, propor a paz, estabelecer relações de proteção à Casa Comum, favorecer a amizade social e semear o sonho de uma economia solidária.”

e atento do educador peregrino permite reconhecer que se vive em um tempo de muitas ambiguidades. Se, por um lado, existe a cobrança por eficiência e alta performance da educação, por outro, existe crescente desinteresse da sociedade como um todo pela sua responsabilidade educativa. A busca por uniformização e padronização dos currículos e métodos educativos contrasta com as imensas desigualdades regionais e sociais existentes no país. A desenfreada oferta de programas socioemocionais se confronta com a violência, a indiferença, o *bullying* e a intolerância veladamente presentes na sociedade. Assim, emerge um contexto social e histórico que desafia a construção de caminhos alternativos para que a educação cumpra seu papel e promova a esperança.

Não raras vezes, as práticas educativas acabam por reproduzir aspectos da sociedade contemporânea, fortemente marcada pela competição, produtividade, indiferença e utilitarismo. Escolas, universidades e famílias reeditam, em seus espaços formativos, os mesmos valores e princípios nocivos da mentalidade predominante e, assim, cooperam para que as novas gerações amplifiquem as consequências desse desastroso modelo. São incontáveis os jovens que deixam de sonhar ou reduzem suas perspectivas de vida a mero projeto de consumo.

Ao alargar o horizonte, propondo a esperança como característica primordial na jornada da vida, o convite ao Ano Santo de 2025 evoca um frescor capaz de promover diferenciado olhar sobre a realidade, abrindo possibilidades de superação

do fatalismo e pessimismo gerados pela sociedade do consumo e da agilidade. Diante das incertezas e do medo do futuro, faz-se urgente semear possibilidades, pensar alternativas, sonhar coletivamente e tecer redes de mútua cooperação. Dessa forma, o jubileu se apresenta, no campo educativo, como um alforje que reúne as inúmeras iniciativas da última década empreendidas pelo papa Francisco como sinal de esperança para a humanidade.

A proposta do Jubileu de 2025 reforça as ações do Pacto Educativo Global, que agrupa as iniciativas educativas dos últimos anos em um esforço de repactuar o compromisso da humanidade com uma educação aberta e inclusiva em prol das futuras gerações. Segundo Guimarães (2020, p. 7), “o Pacto sinaliza, a partir do comando de Francisco, a retomada de uma agenda contemporânea, socialmente responsável, ética e, sobretudo, humanista para com a educação em todos os níveis e em todo o mundo”. O papa Francisco recorda que “a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza” (Francisco, 2015, p. 125). Por isso, para orientar os processos educativos, há a necessidade de restabelecer um pacto no qual a dignidade humana e a convivência fraterna entre as pessoas e com o meio ambiente sejam o ponto central.

A voz de Francisco se soma ao coro dos que propõem um repensar nas práticas curriculares e projetos educativos, para que estes estejam a favor da dignidade humana

e promovam um modelo educativo solidário, capaz de implementar gradativamente uma mudança também no entendimento da economia. Como arquitetos do amanhã, os educadores são inspirados a abraçar sua missão, reconhecendo que esta transcende o mero compartilhamento de conhecimento, pois abrange despertar mentes, mãos e corações, a fim de suscitar o desejo de aprender e crescer.

O tema do peregrinar toca, de forma especial, aqueles que se dedicam à arte de educar, pois acompanhar processos de aprendizagem, de descoberta, é percorrer um caminho permeado de alegrias e incertezas. Os desafios presentes na sala de aula, na comunidade escolar e na complexidade da sociedade atual podem ser ressignificados à luz da força que brota da fé viva. Dessa forma, o convite do papa Francisco à viva esperança no peregrinar conforta, pois sublinha que o caminho não se percorre sozinho, mas junto com tantos outros educadores. Nessa estrada também peregrinam as comunidades de fé, casas da acolhida, que sinalizam a própria Trindade, comunhão perfeita.

3. SINAIS DE ESPERANÇA

O mutirão transformador do mundo precisa de muitos agentes, e a educação, sem dúvida, tem aí um papel preponderante, mas seu potencial só será fecundo se somado a tantos outros atores sociais. Neste Jubileu de 2025, o amplo esforço de repactuar o compromisso com a edificação de um mundo mais fraterno e justo encontra, nas iniciativas educativas, importante colaboração. Os espaços da educação básica, superior e popular podem desenvolver projetos pedagógicos e pastorais que propiciem experiências fomentadoras de esperança na sociedade, especialmente junto aos estudantes e educadores.

Por estarem inseridos na realidade da peregrinação cotidiana de cada comunidade escolar e participarem dos dramas humanos,

COMUNICAR PARA HUMANIZAR

A comunicação a partir do papa Francisco

Marcus Tullius (org.)



Ao comemorar dez anos do pontificado do papa Francisco, o livro retoma suas profundas e necessárias reflexões para o tempo presente, revisitando suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

educadores e estudantes sentem o pulsar dos corações aflitos e compartilhem as alegrias das conquistas. Esses sujeitos experimentam a desesperança, a angústia e as incertezas do cotidiano e, no âmago dessa realidade dura e, ao mesmo tempo, feliz, são capazes de serem sinais de esperança. Dessa forma, como peregrinos de esperança, comunidades escolares, educadores e estudantes são chamados a pensar estratégias para criar um ambiente educacional que inspire e motive todos a acreditar e construir um futuro melhor.

A bula de convocação para o jubileu propõe o seguinte questionamento: como olhamos para o futuro? (Francisco, 2024). As respostas podem ser variadas: alguns terão olhares de esperança, enquanto outros apresentarão um direcionamento mais pessimista. Dessa forma, a educação é chamada, neste Ano Jubilar, a promover experiências que despertem e promovam olhares de esperança sobre a vida, a humanidade e o futuro. Algumas indicações podem iluminar projetos pedagógicos e de pastoral nas escolas e universidades:

- Redescobrir indicações de esperança nos sinais dos tempos é uma das propostas do jubileu: “é preciso prestar atenção em tanto bem que existe no mundo” (Francisco, 2024, n. 7). Atividades pedagógicas e pastorais podem fomentar na comunidade escolar um olhar atento sobre a realidade do mundo, ajudando-a a perceber as situações, pessoas e projetos que promovem a esperança e fazem o bem. Em meio às desesperanças e distopias deste tempo, torna-se essencial mapear e tornar conhecidas as boas práticas de solidariedade e de promoção da paz;
- Propor experiências pedagógicas que nutram a paciência como característica necessária para a humanidade em uma sociedade marcada pela pressa e pelo digital;

- Viver a experiência do perdão como dimensão central na espiritualidade do jubileu. Sentir-se perdoado por Deus e, ao mesmo tempo, estender esse perdão aos irmãos e irmãs. A esperança nutre no coração de cada pessoa o profundo desejo de se reconciliar como caminho necessário de uma vida fraterna. As comunidades escolares e universitárias poderão desenvolver projetos de reconciliação e acolher medidas pedagógicas que superem as punitivas, tendo em vista ações restauradoras diante de situações concretas do cotidiano da escola;

- Realizar projetos que promovam a presença em situações concretas, restituindo a esperança junto aos pobres, às pessoas privadas de liberdade, aos enfermos, idosos e migrantes;

- Promover experiências celebrativas como oportunidades de encontro com Jesus, fonte inesgotável da esperança da humanidade (cf. 1Tm 1,1). A ação pastoral pode intensificar momentos de reflexão bíblica, de meditação e, principalmente, de peregrinação a pé para potencializar experiências fecundas de caminhar com o Senhor e com os irmãos como fonte da esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo repleto de desafios e incertezas, em que a educação é muitas vezes tratada como mercadoria ou ideologia política, tendo sua qualidade ameaçada, a esperança é o farol que guia o educador em sua missão diária. Diante das adversidades, é fundamental permanecer firme no compromisso de orientar, inspirar e capacitar o educando para o bem, a paz e a solidariedade. Na missão de reacender a chama da esperança, os educadores são vocacionados a plantar sementes de conhecimento, empatia

e resiliência, contribuindo para a construção de um mundo mais justo, humano e fraterno.

O Jubileu de 2025 pode ser entendido como importante estímulo para o mundo da educação, inserido em tantas disputas e desencontros. Famílias, educadores e estudantes são incentivados a contemplar o horizonte com novas possibilidades. Este Ano Santo propicia também que estudantes e educadores acolham o convite e se reconheçam como *peregrinos de esperança*, os quais, na jornada da vida, percebem no horizonte do infinito as razões para firmar os passos no caminho, dando testemunho de fé e de esperança. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar ao humanismo solidário*. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Spes non Confundit*: Bula de proclamação do jubileu ordinário do ano 2025. São Paulo: Paulus, 2024.

GUIMARÃES, J. G. M. Educar para humanizar. In: BRUCK, M. S. (Org.). *Decálogo da educação humanista da PUC Minas*: refletido para uso acadêmico e cultural, sociopolítico e econômico, pastoral e espiritual. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2020.

SPADARO, A. La sfida educativa di Jorge Mario Bergoglio. In: DIACO, E. (Org.). *L'educazione secondo papa Francesco*. Bolonha: EDB, 2018.

UNESCO. *Reimaginar nossos futuros juntos*: um novo contrato social para a educação. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, Unesco; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115?posInSet=15&queryId=N-EXPLORE-a4f35387-0245-4df5-a2de-258251dc55c7>. Acesso em: 12 ago. 2024.

O EVANGELHO SOCIAL

Manual básico de
Doutrina Social da Igreja

Elvis Rezende Messias /
Dom Pedro Cunha Cruz



Neste livro, você explora os fundamentos teológicos, princípios e valores da Doutrina Social da Igreja. Inclui estudos e orientações para o compromisso social cristão.



Aponte a câmera do
seu celular e confira a
degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Dom Vicente Ferreira é bispo da diocese de Livramento de Nossa Senhora, na Bahia, e presidente da Comissão Especial para a Ecologia Integral e Mineração da CNBB. Autor de obras como *Crepúsculo: profecias de um tempo novo*, pela Editora Ideais e Letras, é defensor dos direitos humanos e da natureza, psicanalista, poeta, compositor e escritor. E-mail: vicenteferreirabh1@gmail.com

Viver a esperança a partir das chagas dos pobres e da terra



Esperança! Palavra constitutiva da vida humana. Singelo dom que exige cuidado cotidiano. Para a fé cristã, é uma das virtudes teologais. À luz do Evangelho de Jesus, ela é motivação profética na luta por novos céus e nova terra. A partir das chagas dos pobres e da terra, impulsiona-nos a ser testemunhas do Reino de Deus. Em cada época, ela nos interpela, chamando-nos para produzir frutos de paz e justiça na Igreja e no mundo.

Consideração inicial

Nossa vida humana é cheia de anseios e projetos. Entre alegrias e dores, lutamos por dias melhores. A natureza também tem seus ciclos, com renovações, resiliências, metamorfoses. No coração de tudo que vive e respira, pulsa a esperança. Ela envolve o mais profundo de nossa existência pessoal, nossas relações interpessoais, com a natureza e com Deus. O papa Francisco, na bula sobre o Jubileu da Esperança, *Spes non Confundit*, diz que, “no coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não se saber o que trará consigo o amanhã” (Francisco, 2024, n. 1). Ademais, em sua reflexão para a 3ª Jornada Mundial dos Pobres, afirma que a esperança dos pobres nunca se frustrará (cf. Sl 9,19). Por isso, é urgente “devolver a esperança perdida por causa da injustiça, do sofrimento e da precariedade da vida” (Francisco, 2019). Então, perguntamo-nos: quais as razões de nossa esperança para o futuro de nossa Igreja e para a sociedade?

1. Biodiversidade, democracia e sinodalidade: a esperança em contextos de tragédias sociais e ambientais

Vivemos uma mudança de época. Se, por um lado, nossa sociedade tem aspectos positivos, como as conquistas científicas

e tecnológicas, por outro, cenários como as guerras e a degradação do planeta pela injustiça socioambiental provocam agudos questionamentos sobre o futuro. Nessa travessia civilizatória, em muitos casos, o ser humano sucumbe ao desespero. Os jovens, migrantes, presidiários, idosos, pobres, negros, indígenas, mulheres são os que mais sofrem. São vítimas de um sistema global que privilegia uma minoria rica e faz sofrer a grande maioria da população mundial. No meio de tais cenários, unimo-nos a tantas pessoas, grupos, coletivos que não aceitam a opressão com posturas fatalistas ou alienadas. São os semeadores de esperança.

Estima-se que, até 2050, teremos 17 milhões de “migrantes climáticos” na América Latina e 216 milhões no mundo inteiro, em decorrência de escassez de água, diminuição de produção no campo, temperaturas elevadas, aumento do nível do mar, eventos climáticos extremos. A tragédia no Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2024, foi uma das maiores na história do hemisfério sul. Foram 478 municípios atingidos, 2.398.255 pessoas afetadas, 176 óbitos, 806 feridos e mais de 150 paróquias atingidas. Por trás desses números, estão pessoas, famílias, povos, espécies, biomas etc. É possível que muita gente, em situações de desencanto ou desespero, ainda acredite em narrativas negacionistas.

*“Nessa travessia
civilizatória, em muitos
casos, o ser humano
sucumbe ao desespero.”*

A força transformadora de nosso agir no mundo diminuirá se o que imperar for a passividade ou a alienação. Tais atitudes serviriam a quem? Certamente, a uma minoria que detém poder e domínio, enquanto a grande maioria da população continuaria a padecer as dores das injustiças socioambientais. Nesse sentido, esperar é não aceitar ser massa oprimida, mas ser sujeitos que sonham com uma sociedade verdadeiramente democrática, com um planeta sustentável em sua biodiversidade e com uma Igreja das periferias existenciais e geográficas. Para isso, a esperança deve ser tecida em redes, por coletivos de quem luta por mudanças, como já acontece em tantos grupos de mulheres, indígenas, quilombolas, camponeses, pescadores, ambientalistas que batalham por uma sociedade justa e fraterna.

Esperança passiva, sem luta, seria trágica. Como afirma Paulo Freire: “Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã” (Freire, 2013, p. 15). Então, apostemos na esperança feita de luta por dias melhores, principalmente para os pobres e para a Casa Comum. Dentre as propostas para o Ano Jubilar de 2025, o papa Francisco destaca na *Fratelli Tutti*:

com o dinheiro usado em armas e em outras despesas militares, constituamos um Fundo Mundial, para acabar de vez com a fome e para o desenvolvimento dos países mais pobres, a fim de que os seus habitantes não recorram a soluções

violentas ou enganadoras, nem precisem abandonar os seus países à procura de uma vida mais digna (Francisco, 2020, n. 262).

Três sonhos são fundamentais para uma vivência social e eclesial esperançosa em nossos dias. O primeiro é que o cuidado com a Casa Comum se transforme em causa comum. O Brasil tem uma das maiores biodiversidades do mundo. No entanto, a expansão do agronegócio, da mineração, do desmatamento contribui para o aumento da degradação ecológica. Quem mais sofre com tudo isso? As comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas, moradores das periferias da cidade, migrantes climáticos etc. Para enfrentar tais situações, é urgente assumir processos de conversão ecológica, fortalecendo a consciência da conexão profunda entre todos os organismos vivos do planeta. Com efeito, proteger a biodiversidade é pilar imprescindível para que esperemos um futuro de bem viver no planeta.

Juntamente com esse sonho, é urgente lutar em prol da fraternidade universal. Em sua encíclica *Fratelli Tutti*, o papa Francisco aborda problemas como a fragilidade das relações interpessoais, as guerras “em pedaços”, as rivalidades, o descarte, a falta de projetos coletivos, a injustiça social, a informação fragmentada, elementos que sinalizam “as sombras de um mundo fechado”. Em contraposição a isso, ele nos convida a viver a mística do bom samaritano (Lc 10,25-37), com o objetivo de cultivar “um coração aberto ao mundo inteiro” (Francisco, 2020, n. 128-133), disposto ao diálogo e à construção da amizade. Se nossa globalização

permanecer excludente, fortalecendo discursos de ódio e de criminalização dos mais pobres, o que nos espera é a barbárie. Então, que a democracia continue a ser o antídoto para nos livrar de tal abismo.

O terceiro sonho toca à nossa Igreja. Somos provocados a nova experiência missionária, que favoreça a purificação das pretensões colonialistas. Ainda estamos muito envolvidos com fragmentos de uma cristandade atrelada ao poder, com estruturas eclesiais distantes das propostas do Reino de Deus, das bem-aventuranças (Mt 5,1-12). Reforçar discursos clericalistas, ultraconservadores, retrógrados não favorece o que se espera de uma Igreja samaritana e dialogal. Para isso, a mudança de narrativa deve ser acompanhada pela presença corpórea nas periferias. Por mais que as redes sociais sejam lugar de evangelização, sabemos que não há cristianismo sem corpo, sem vivência comunitária. Ser sinodal não é só caminhar juntos, mas também discernir por quais caminhos nossa Igreja deve andar. Ser sinodal é elemento estruturante para a esperança de uma Igreja testemunha do Reinado de Deus. Por conseguinte, exige que caminhemos rumo aos mais pobres e em defesa da terra. Motivados por esses sonhos, vejamos o que os fundamentam em nossa caminhada cristã.

2. Fé, esperança e caridade: virtudes teológicas para nosso esperançar eclesial e social

As virtudes teológicas são o endereço genuíno para um cristão refletir sua vocação no mundo. Elas exprimem mais claramente a consciência de ser “nova criação em Cristo” (2Cor 5,17). Estão interconectadas pelo chamado a fazer que a amizade com Deus se torne prática iluminada pela pessoa de Jesus, que disse: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas a sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11,25). Pela ação do

AMIGOS DA FAMÍLIA

Dom Orlando Brandes



Ao abordar a vocação para a convivência e a interdependência, o livro revela como a família, criada à imagem de Deus, é essencial para a humanidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Espírito Santo, o discípulo configura sua existência ao projeto do Reino de Deus que Jesus inaugurou. Em cada época, somos chamados a dar razões dessa esperança (1Pd 3,15). Para isso, ao manifestar a adesão a quem nos amou primeiro (1Jo 4,10), somos impulsionados por esse amor divino a produzir frutos de justiça e paz.

Então, podemos dizer que a esperança é fruto do agir do Espírito em nós, para transformarmos tudo que é opressão em liberdade. Ao reconhecer as maravilhas de Deus na história da salvação, somos envolvidos na busca pela libertação de toda a criação (cf. Rm 8,20). Grande contradição, muito presente em nossos dias, é a dicotomia entre fé e vida, culto e compromisso social, Igreja e política. Este equívoco precisa ser combatido: o da separação entre alma e corpo, entre as vivências cotidianas e a vida eterna. Fé, esperança e caridade são fruto da obra de Deus em nós, cujo coroamento eterno depende de nossa resposta positiva no aqui e agora.

Levar a sério a condição da humanidade nova inaugurada por Jesus Cristo exige participação, discernimento. Em nossos dias, sabemos, por exemplo, quão complexa e plural é a sociedade globalizada à qual pertencemos. A vida cristã deve perpassar todas as esferas da realidade. Com efeito,

“Ainda estamos muito envolvidos com fragmentos de uma cristandade atrelada ao poder, com estruturas eclesiais distantes das propostas do Reino de Deus.”

“programar um estilo de vida teologal para o hoje do povo de Deus é interpretar e concretizar as exigências da dimensão cósmica da recapitulação de toda a realidade em Deus e valorizar as valências contemplativas e celebrativas da vida cristã” (Compagnoni *et al.*, 1992, p. 1.902). Viver no Espírito, que renova a história, é reconhecer os germes de vida nova e apoiá-los. É também combater tudo aquilo que existe de desumano e que destrói nossa Casa Comum.

“Assim, vossa fé e vossa esperança estão fixas em Deus” (1Pd 1,21). A vida cristã alicerça-se na comunhão amorosa com Deus Trindade, desenvolve-se com a experiência litúrgica, sobretudo dos sacramentos, e, quanto mais se aprofunda, mais faz crescer o desejo de amar o próximo e cuidar de toda a criação. É de Deus Trindade que aprendemos a fazer da vida uma consolação, porque ele mesmo é quem nos consola. Por isso, felizes são aqueles que chegam a ser perseguidos por darem tal testemunho (cf. Mt 5). Nesse sentido, “cultiva a esperança quem vive de misericórdia, se inclina sobre o ser humano e o sustenta no caminhar pela senda através da qual a história e a realidade se convertem em epifania de salvação” (Compagnoni *et al.*, 1992, p. 1.913).

3. O Reinado de Deus: “O que esperamos são novos céus e uma nova terra, onde a justiça habitará” (2Pd 3,13)

Sem Reino de Deus, a esperança cristã corre o risco de se desconectar dos problemas reais da vida ou de ser uma esperança para poucos e não produzir os frutos esperados. No contexto da crise socioambiental global, que futuro esperamos? Nossa esperança cristã é o esperar do Reino de Deus. Sabemos que ele “já” está presente em todo amor que floresce, mas “ainda não” é completo, porque seu crescimento se dá no meio das contradições e pecados humanos. Ele nos chega como convite, interpelação, e não se desenvolve sem nossa participação.

Jesus usou muitas parábolas para falar do Reino: “O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem, pegando dele, semeou no seu campo; o qual é realmente a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham nos seus ramos” (Mt 13,31-35). Na dinâmica do Reino de Deus, os pobres têm lugar privilegiado. Aliás, eles é que julgam se somos do Reino de Deus ou do império do egoísmo. É verdade inegociável de nossa fé que o próprio Deus, na história da salvação, sempre esteve do lado dos pobres. Jesus se identificou com eles e disse: “Cada vez que o fizeram a um destes meus pequeninos, foi a mim que o fizeram” (Mt 25,40). “Fugir dessa identificação equivale a falsificar o Evangelho e atenuar a revelação. O Deus que Jesus quis revelar é este: um Pai generoso, misericordioso, inesgotável em sua bondade e graça, que oferece esperança sobretudo aos que estão desiludidos e privados de futuro” (Francisco, 2019, p. 104).

As bem-aventuranças revelam a perspectiva da felicidade divina. Foi com elas que Jesus iniciou a pregação do Reino de Deus: “Bem-aventurados os pobres” (Lc 6,20). Atualmente, lidamos com as situações graves de pessoas excluídas ou até mesmo descartadas pela sociedade. Trata-se de drama que parece não ter fim, chegando ao absurdo de surgir, em nossas cidades, praças e espaços públicos, uma arquitetura hostil, com o intuito de não ter a presença desses “corpos indesejados”, que perambulam pelas ruas à espera de trabalho, de um pedaço de pão, de algum afeto. “Não é fácil ser testemunha da esperança cristã no contexto de uma cultura consumista e de descarte, orientada a acrescentar o bem-estar superficial e efêmero. Requer-se uma mudança de mentalidade para redescobrir o essencial e dar corpo e efetividade ao anúncio do Reino de Deus” (Francisco, 2019, p. 106).

Pensamento final

Optar por uma Igreja e sociedade que tornem visível o Reino de Deus na história é o maior fruto de nossa esperança cristã. Trata-se de nobre missão profética, pois denuncia as estruturas injustas e anuncia a vida plena de Jesus. É poética, pois nossa inquieta esperança nos faz artífices da festa do Reino do amor, da justiça e da paz, e é também política, pois lutamos pelos direitos dos mais pobres e para sanar as injustiças ambientais. O contrário da esperança é o desespero de uma existência egoísta ou a convivência com quem gasta a vida explorando os outros e destruindo a terra. Não deixar apagar em nós a sagrada vocação de transformar o mundo, para que todos tenham vida e vida em abundância, é o melhor de nossa esperança.

vp

Referências bibliográficas

- COMPAGNONI, F. *et al.* Virtudes teologales. In: COMPAGNONI, F. *et al.* *Nuevo diccionario de teología moral*. Madrid: San Pablo, 1992.
- FERREIRA, DomV. *Crepúsculo*: profecias de um tempo novo. Aparecida: Ideias e Letras, 2023.
- FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo, Paulus, 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Laudate Deum*: Exortação Apostólica a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática. São Paulo: Paulus, 2023.
- FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 3º Dia Mundial dos Pobres*: a esperança dos pobres jamais se frustrará. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2019.
- FRANCISCO, Papa. *Spes Non Confundit*: Bula de proclamação do jubileu ordinário do ano 2025. São Paulo: Paulus, 2024.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- RIVA, Giuliano. Regno di Dio. In: RIVA, Giuliano. *Dizionario teologico*. Brescia: Queriniana, 1968.

Pe. Edmilson José dos Santos é mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Presbítero da arquidiocese de Vitória da Conquista-BA, exerce aí a função de reitor do seminário arquidiocesano Nossa Senhora das Vitórias. E-mail: milsom78@hotmail.com

Ressonâncias do Concílio Vaticano II no pontificado do papa Francisco



Numa perspectiva eclesiológico-pastoral, o texto aponta, em aspectos gerais, as ressonâncias do Concílio Vaticano II no pontificado do papa Francisco, objetivando reafirmar a legitimidade do Concílio e sua necessária aplicabilidade nos dias atuais, para que a Igreja continue a responder à sua missão na criatividade do Espírito, atenta aos sinais dos tempos.



INTRODUÇÃO

O Concílio Ecumênico Vaticano II completou, em outubro de 2022, sessenta anos de inauguração. Foi o maior acontecimento eclesial do século XX e, sem dúvida, um marco importante no processo de renovação da Igreja nos últimos tempos; um divisor de águas na compreensão da Igreja sobre si mesma e sua missão. O papa Francisco, em pouco mais de dez anos de pontificado, tem demonstrado, em seu perfil de pastor, notável identificação e afinidade com o impulso de renovação que o Concílio Vaticano II trouxe para a Igreja. Desde a *Evangelii Gaudium* até o Sínodo sobre a Sinodalidade, em fase conclusiva, é perceptível o desejo de Francisco

de convidar a Igreja a beber da fonte viva da tradição do Concílio, para redescobrir o que lhe é essencial, isto é, perceber-se como mistério de graça gerado pelo amor. Igreja essa que, sendo louca de amor pelo seu Senhor e por todas as pessoas por ele amadas, se coloca no caminho da humanidade como a primeira a servir (Francisco, 2022).

Revisitar o Concílio Vaticano II e afirmar sua legitimidade, em tempos em que alguns setores da Igreja tentam desqualificá-lo, é tarefa extremamente necessária. Não obstante as resistências no interior da própria Igreja, o papa Francisco tem sido a grande “voz que grita no deserto”, fazendo ressoar as profundas inspirações do Concílio em seus

“Revisitar o Concílio Vaticano II e afirmar sua legitimidade, em tempos em que alguns setores da Igreja tentam desqualificá-lo, é tarefa extremamente necessária.”



escritos, pronunciamentos e, sobretudo, em sua performance pastoral, com o desejo de reconduzir a Igreja à sua fonte mais genuína, para que ela responda mais adequadamente à sua missão nos dias atuais.

Vejam, em linhas gerais, as ressonâncias do Concílio Vaticano II nos ensinamentos e na práxis do papa Francisco a partir da expressão “Igreja em saída”, tão bem explicitada na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, e do tema da sinodalidade, considerando o sínodo mais recente. Para a compreensão da eclesiologia do Concílio, missionariedade e comunhão são ideias-chave, e nelas Francisco se apoia para fundamentar sua visão de Igreja, valendo-se também da rica contribuição da Conferência de Aparecida.

1. IGREJA EM SAÍDA

Era desejo de João XXIII que o Concílio Vaticano II assumisse um perfil fundamentalmente pastoral, com a finalidade não de combater os “inimigos da fé”, e sim de manifestar a Boa-nova de Jesus Cristo com novas roupagens e linguagem, adequadas ao novo contexto social e eclesial. Nesse sentido, o tema da evangelização é enfrentado com novas motivações.

O decreto *Ad Gentes*, ao tratar da obra da Igreja missionária, abre, por assim dizer, as portas do Concílio para os horizontes mais amplos da missão, afirmando que a missão originada do mandato de Cristo a seus discípulos é o que identifica a Igreja e lhe dá a razão mais profunda de sua unidade no

mundo. “A Igreja é essencialmente missionária, porque ela nasce da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (AG 2). Portanto, o anúncio do Evangelho é exigência da própria catolicidade da Igreja, em obediência à ordem do seu Senhor e fundador (AG 1).

Fazendo eco ao Concílio, o papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, expressa seu desejo de que a Igreja assuma uma fisionomia verdadeiramente missionária, a fim de que “os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo do que à sua autopreservação” (EG 27). É o apelo premente da Conferência de Aparecida pela chamada “conversão pastoral” (DAP 365).

O tema da evangelização foi assumido por Francisco como a principal pauta do seu programa de pontificado, e não poderia ser diferente, pois “a ação missionária é o paradigma de toda obra da Igreja” (EG 15). Toda a *Evangelii Gaudium* ressalta a centralidade do querigma, isto é, o anúncio do “amor pessoal de Deus que se fez homem, entregou-se a si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade” (EG 128). É esse anúncio, que nunca pode ser subtraído, que comunica a alegria do Evangelho e preenche a vida daqueles que se encontram com Jesus.

Ao conceber a Igreja na perspectiva do paradigma missionário e querigmático, Francisco aposta numa Igreja que “primeireia”, que sai da própria comodidade para alcançar

as periferias necessitadas da luz do Evangelho. Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar, torna-se autorreferencial e então adoece, caindo numa espécie de narcisismo teológico. Essa é a visão de Igreja que o então cardeal Bergoglio teria apresentado de improviso aos seus colegas cardeais, pouco antes do conclave, conquistando a admiração de todos (Quevedo, 2013, p. 29).

A Igreja em saída se entende como peregrina, como povo de Deus evangelizador. É Igreja que não vive em função do sucesso, que não busca a glória em si mesma, mas procura viver na humildade e na abnegação, no serviço aos pobres, identificando-se com os crucificados do mundo. É precisamente para servir ao mundo, à maneira de Cristo, que a Igreja se põe em saída. Desse modo, transparecerá nela a imagem de Cristo, Servo e Senhor, que a amou e a quis para si como esposa.

A imagem de Igreja que melhor traduz as inspirações do Concílio Vaticano II são as “portas abertas”. É a imagem que agrada ao papa Francisco, porque manifesta o perfil da Igreja como mãe que acolhe, ama e perdoa, sem exigir antes um atestado de boa conduta (Francisco, 2023), e, ao mesmo tempo, como evangelizadora que prepara e envia para a missão. A Igreja de portas abertas não vê o mundo como um inimigo a ser combatido, mas como lugar onde ela é chamada a manifestar a obra da salvação que lhe foi confiada pelo próprio Senhor. Uma Igreja em saída é, por isso mesmo, a Igreja com portas abertas, disposta a acolher os que estão fora e enviar os que estão dentro, num movimento ininterrupto de missão.

Após sessenta anos de abertura do Concílio Vaticano II, a Igreja precisa avançar ainda mais na consciência missionária, superando a autorreferencialidade, para ser no mundo instrumento a serviço da salvação. Nisso se manifesta sua catolicidade. Ao sair de si, a Igreja reencontra sua verdadeira identidade,



**Invista na formação
dos catequistas
da sua paróquia**



**Assine já
e receba a revista
na sua casa ou
paróquia!**



Aponte a câmera do
seu celular e faça a
sua assinatura.

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“A Igreja de portas abertas não vê o mundo como um inimigo a ser combatido, mas como lugar onde ela é chamada a manifestar a obra da salvação que lhe foi confiada pelo próprio Senhor.”

isto é, seu enraizamento no mistério do amor de Cristo, sua perene fonte na comunhão trinitária. Por isso, a ação missionária “renova a Igreja, revigora a sua fé, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações” (RM 11). Verdadeiramente, na obra missionária, a Igreja mostra sua vitalidade.

2. SINODALIDADE

O tema da sinodalidade passou a ser a pauta principal do programa pastoral do papa Francisco nos últimos três anos. Recentemente foi realizada, em Roma, a assembleia do Sínodo sobre Sinodalidade, com o tema: “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, cujos desdobramentos estão sendo aguardados com expectativa por toda a Igreja. O que já parece claro é o desejo de Francisco de propor a sinodalidade como a específica forma de viver e operar da Igreja, o que torna a sinodalidade um processo inspirador de toda a práxis eclesial, e não apenas um evento.

Embora o termo sinodalidade não se encontre nos documentos do Concílio Vaticano II, pode-se dizer seguramente que ele traduz e sintetiza a eclesiologia de comunhão formulada pelo Concílio, ideia-chave para compreender a identidade da Igreja. Seus pressupostos teológicos se encontram na *Lumen Gentium*, na noção de Igreja como sacramento (LG 1) e como povo de Deus (LG 4). “O conceito de comunhão exprime a substância profunda do mistério e da missão

da Igreja” (CTI, n. 6), sublinhando a comum dignidade de todos os batizados no exercício da missão, uma vez que em todos os fiéis atua a força santificadora do Espírito, que os torna sujeitos eclesiais, impelindo-os a evangelizar (EG 119). Desse modo, no dom e no empenho da comunhão, encontram-se a forma e o escopo da própria sinodalidade (CTI, n. 43).

A sinodalidade é o modo como a Igreja deve assumir sua missão nos dias de hoje, superando o modelo piramidal-hierárquico, que afirma e alimenta o clericalismo, para assumir o estilo de povo de Deus, animado pelo Espírito de Jesus para evangelizar. Daí o apelo constante de Francisco para que a Igreja exercite a escuta recíproca. Aliás, a escuta é pressuposto para o processo sinodal. Trata-se de escuta teologal e eclesial, que significa mais do que ouvir. “[...] fiéis e pastores, cada um à escuta dos outros; e todos na escuta do Espírito Santo” (CTI, n. 110). Assim se expressa o pontífice, indicando que o *sensus fidei*, que todo fiel possui em virtude do batismo, se caracteriza como “um ‘olfato’ para discernir as novas estradas que o Senhor abre para a Igreja” (Ferreira, 2018, p. 395). Da escuta brota o discernimento por parte dos pastores, a quem cabe a tarefa de distinguir os impulsos do Espírito daquilo que poderia ser mera opinião pública ou especulações midiáticas. Na tomada de decisão, deve-se ter em conta a comunhão eclesial, que é sempre maior do que nossas convicções pessoais.

A sinodalidade, por sua própria natureza, mantém a Igreja toda em estado de missão. Poder-se-ia dizer que sínodo é a Igreja em comunhão a serviço da missão. Com efeito, o debate sinodal só avançará se “houver a clareza de que a missão ao mundo, como anúncio, testemunho e serviço ao Reino da vida, é o verdadeiro, único e essencial princípio e fim da Igreja” (Paranhos; Ponte, 2022, p. 17). Por isso, o propósito de um sínodo deve ser sempre aprimorar, dinamizar e potencializar os mecanismos de evangelização na comunidade cristã.

Uma das características da sinodalidade é seu dinamismo. É um processo que visa a mudanças. Mais uma vez, impõe-se à Igreja o desafio da chamada “conversão pastoral”, já solicitada enfaticamente pela Conferência de Aparecida. A ampla participação dos batizados na ação evangelizadora, a promoção e valorização dos ministérios e carismas dos cristãos leigos e leigas, a escuta dos apelos que vêm das periferias geográficas e existenciais são perspectivas que concorrem para a construção de um “nós” inclusivo, uma realidade eclesial mais rica. É justamente o que o processo sinodal deseja destravar.

O modelo sinodal explicita ainda mais a função do ministério ordenado, como a concebeu a eclesiologia do Concílio Vaticano II: eles, os ministros ordenados, estão na Igreja para servir pastoralmente ao povo do qual fazem parte. Essa perspectiva tende a superar a ideia do ministério ordenado como um “superministério”, pois compreende os pastores como servidores de todos e os “primeiros a ativar em sinergia sinodal os ministérios e carismas presentes na vida da comunidade em prol da evangelização (CTI, n. 53). Portanto, o modelo sinodal requer do ministro ordenado a capacidade de ser um artesão e construtor da comunhão.

A sinodalidade abre para a Igreja um futuro com melhores possibilidades de viver a missão recebida de Cristo, com

CASAIS EM SEGUNDA UNIÃO

Uma visão pastoral

*João Bosco Oliveira /
Aparecida de Fátima Fonseca
Oliveira*



A obra apresenta uma visão geral dos aspectos pastorais voltados aos casais em segunda união. É uma iniciativa oportuna devido ao crescente interesse pelo conhecimento das noções essenciais sobre essa ação evangelizadora.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

maior dinamismo e ardor do Espírito. Não se trata de uma tarefa fácil. As resistências surgem no interior da própria Igreja. Não obstante os obstáculos, o papa Francisco continua a apostar na capacidade do sínodo de fazer “germinar sonhos, alimentar o entusiasmo, suscitar profecias, fazer florescer a esperança, enfaixar feridas, entrançar relações [...]” (CV 199). De fato, não há como a Igreja enfrentar os novos desafios da evangelização senão caminhando de mãos dadas, numa ciranda de comunhão, na sinfonia do Espírito que, sem anular as diferenças, faz dos cristãos um só povo, unido pelos vínculos da caridade. A sinodalidade é verdadeiramente o caminho que o Senhor espera da Igreja nos tempos de hoje (Francisco, 2015). Avancemos, pois, sinodalmente, se quisermos vislumbrar para a Igreja um futuro repleto da alegria do Evangelho!

CONCLUSÃO

O Concílio Vaticano II soprou na Igreja uma rajada de novidade, abrindo nova página de sua história. A grande novidade não diz respeito ao conteúdo da doutrina, já tão bem compilado nos concílios anteriores, mas sim ao modo de expô-la e à capacidade de reescrever e comunicar a linguagem do Evangelho com renovado ardor e atenção aos sinais dos tempos. As figuras de São João XXIII e São Paulo VI deixaram marcas indeléveis nos processos de renovação eclesial. Trata-se de homens bem presentes ao seu período histórico, possuidores de um carisma único, de notável lucidez profética, por intermédio dos quais o Espírito de Deus promoveu, na Igreja e na humanidade, um tempo de renovada esperança. Seus nomes ficarão para sempre gravados nas páginas mais belas da tradição eclesial.

Ao longo destes sessenta anos, a Igreja passou por várias fases, afetada pelos impactos de um mundo em constante

transformação, que suscita novas perguntas e solicita novas respostas. O Concílio Vaticano II possibilitou à Igreja olhar para o horizonte mais amplo da realidade a fim de conhecer as aspirações mais profundas do ser humano atual. Essa nova atitude de diálogo para com um mundo que vive profundas transformações é, sem dúvida, o grande legado do Concílio.

“Igreja em saída” e “sinodalidade” são perspectivas convergentes, que atendem a um dos principais objetivos do Vaticano II: aprofundar a identidade da Igreja (*Lumen Gentium*) e sua relação com o mundo (*Gaudium et Spes*) à luz do mistério da comunhão trinitária. A Igreja se expressa na sua mais pura transparência à medida que sai de si mesma para ser dom de salvação no mundo e sinal escatológico do Reino que há de vir em plenitude. Esse caminho há de ser feito sinodalmente, isto é, em espírito de comunhão e participação, envolvendo a totalidade do povo de Deus.

O Concílio Vaticano II não desejou outra coisa senão estreitar e fortalecer ainda mais o vínculo estimulante e misterioso pelo qual a Igreja está unida a Cristo, seu Senhor e Salvador, pois nenhuma ambição humana deve movê-la, a não ser “continuar a obra do próprio Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido” (GS 3). A legitimidade do

“A sinodalidade é o modo como a Igreja deve assumir sua missão nos dias de hoje, superando o modelo piramidal-hierárquico.”

Concílio está justamente na sua finalidade de afirmar e expor a plena verdade sobre Jesus Cristo, da qual a Igreja está a serviço. Depor contra o Vaticano II é desconhecer a viva tradição eclesial de cuja fonte ele bebeu para traduzir ao mundo seus mais preciosos tesouros.

O papa Francisco intuiu, com muita lucidez, as proposições do Concílio. É notório, em seu ministério pastoral, o desempenho da renovação eclesial que o Vaticano II imprimiu na Igreja. A preocupação de Francisco com as questões que afetam o mundo – o ser humano e o planeta, seu esforço constante em estabelecer um diálogo respeitoso e fraterno com a sociedade plural em busca da promoção da paz, sua visão de Igreja de portas abertas, pautada no “princípio misericórdia”, a redescoberta da sinodalidade como inspiração para o *modus vivendi* da Igreja – indica que seu pontificado bebe da fonte mais genuína do Concílio Vaticano II, fazendo ressoar, em toda a Igreja, suas mais profundas inspirações.

Francisco sonha com uma Igreja que seja serva de todos, sobretudo dos últimos; uma Igreja sem fiscais ou burocratas da fé, mas acolhedora de todos. O grande desejo do papa é conduzir a Igreja à essência do Evangelho, para que ela possa redescobrir a doce e confortadora alegria de evangelizar. É processo que requer contínua conversão pessoal e eclesial.

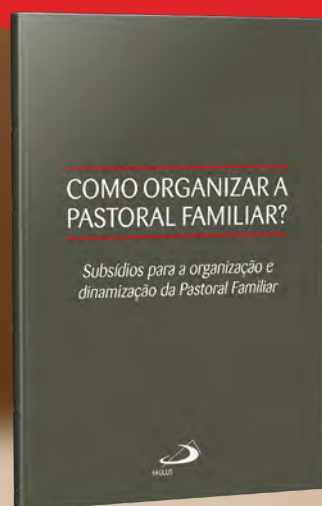
O Concílio Vaticano II diz o que a Igreja é e o que ela pode dar ao mundo, enquanto servidora do Evangelho. Suas perspectivas continuam abertas e vigorosas. Nada pode conter o sopro do Espírito que impulsionou todo esse movimento de renovação eclesial do século XX. O Concílio Vaticano II, indiscutivelmente, é um terreno fértil a ser explorado, no qual a Igreja sempre encontrará suas mais preciosas pérolas.

vp

COMO ORGANIZAR A PASTORAL FAMILIAR?

Subsídios para a organização e dinamização da Pastoral Familiar

CNBB



Este livro oferece ferramentas práticas, com abordagem abrangente, para organizar equipes e serviços de pastoral familiar.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Santuário, 2013.
- CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (CTI). *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: CNBB, 2018.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*: Decreto sobre a atividade missionária da Igreja (AG). In: VIER, F. (Org.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 353-399.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual (GS). In: VIER, F. (Org.). *Compêndio Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 143-256.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*: Constituição Dogmática sobre a Igreja (LG). In: VIER, F. (Org.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 39-117.
- FERREIRA, A. L. C. A sinodalidade eclesial no magistério do papa Francisco. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 390-404, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34480/34480.PDF>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Christus Vivit*: Exortação Apostólica pós-sinodal para os jovens e para todo o povo de Deus (CV). São Paulo: Paulus, 2019.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso por ocasião do quinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 out. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 13 ago. 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre a alegria do Evangelho no mundo atual (EG). São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Homília na missa de encerramento do Sínodo da Sinodalidade*, 29 out. 2023. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticia/56583>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Homília pelo 60º aniversário do início do Concílio Ecumênico Vaticano II*, 11 out. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20221011-omelia-60concilio.html>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. In: SARTORI, L. M. A. (Org.). *Encíclicas do papa João Paulo II: o profeta do ano 2000*. São Paulo: LTr, 1999. p. 343-399.
- PARANHOS, W.; PONTE, M. N. Q. A sinodalidade como estilo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 54, n. 1, p. 11-19, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5061/4840>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- QUEVEDO, L. G. *O novo rosto da Igreja: papa Francisco*. São Paulo: Loyola, 2013.

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Gisele Canário*



Acesse também o programa
Palavra Viva pelo QR code
ao lado.



janeiro

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.



fevereiro

MARIA, MÃE DE DEUS

1º de janeiro

Maternidade divina em Maria: libertação e identidade filial

I. INTRODUÇÃO GERAL

Maria é uma mulher de Nazaré, um povoado judaico que contava entre duzentos e quatrocentos habitantes na época de Jesus. Escavações realizadas sob as estruturas cristãs posteriores revelam prensas para a produção de azeite de oliva e vinho, cisternas, silos e pedras de moer espalhadas ao redor de covas, indicando uma população rural que vivia em casas muito precárias. A arqueologia evidencia que a vida dessa sociedade rural era marcada pela fome e pelo sofrimento. Na época de Jesus, cerca de 30% dos recém-nascidos morriam, índice que subia para cerca de 50% no período dos primeiros dez anos de vida. Na faixa etária dos 30 anos, entre 70% e 75% morriam, especialmente devido à desnutrição e à falta de alimentos, causadas pelo trabalho pesado e pelas guerras. O empobrecimento do judeu camponês era decorrente do pagamento de altos impostos, incluindo o imposto sobre 25% a 30% das colheitas para os romanos, pedágios para a circulação de mercadorias e trabalho

forçado dedicado às tropas e obras públicas. Também havia impostos do templo, diversos dízimos, ofertas de sacrifícios, imposto pessoal, estipulado em 1 denário, entre outros. Com toda essa problemática, a quantidade de pessoas escravizadas aumentava cada vez mais. Era comum testemunhar famílias sendo vendidas como escravas por causa de dívidas.

Neste domingo, somos convidados a refletir sobre a autenticidade e a significância da maternidade divina representada por Maria, a Mãe de Deus. Maria é protagonista do projeto de Jesus porque acreditou ser possível formar e educar seu filho, que estaria à frente de um projeto pautado no amor e na justiça. Em sua maternidade reside a conexão entre o humano e a divindade, que nos conduz à libertação e à nossa identidade filial em Deus.

A maternidade divina de Maria deve ser realidade contínua e presente na vida espiritual dos cristãos. Maria é profetisa por excelência, pois acolhe o Verbo de Deus e vive o plano divino de ser a Mãe de Jesus. Nesse sentido, não nos cumpre apenas colaborar para que o Reino de Deus aconteça entre nós; cabe-nos vivê-lo assim como ela, protagonizando o enfrentamento dos poderes que promovem a destruição da vida, em todas as suas manifestações.

*Gisele Canário é mestra em Teologia, com ênfase em Exegese Bíblica (Antigo Testamento), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Possui graduação em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores. É licenciada em Geografia pela Universidade Cruzeiro do Sul e assessora no Centro Bíblico Verbo, onde atua, desde 2011, com a confecção de material para estudos bíblicos, gravação de vídeos, formação em comunidades eclesiais e cursos bíblicos *on-line*.

Esta solenidade revela nossa identidade de filhos e filhas do amor de Deus. Jesus nos ensinou a chamar Deus de “Abbá, Pai”. Maria anda conosco e nos apresenta o caminho da relação amorosa com Deus, que é uma relação de escuta, amor e compaixão. Ela experimentou esse caminho, pois acreditou no Senhor e viveu em total comunhão com ele. Sua obediência é ao projeto de justiça, pois é da vontade divina entrar em comunhão com quem deseja viver e trilhar o projeto de vida em abundância para todos os seres vivos.

A liturgia deste domingo nos convida a refletir sobre nossa resposta a esse amor e liberdade oferecidos por Deus. Assim como Maria acolheu Jesus em sua vida e serviu os necessitados ao seu redor, somos chamados acolhê-lo de maneira prática e a expressar esse amor por meio do serviço e da solidariedade aos mais vulneráveis e necessitados da nossa sociedade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Nm 6,22-27)

O relato faz parte do núcleo presente no Pentateuco que narra eventos ocorridos durante o período do êxodo dos israelitas do Egito até sua chegada às fronteiras da Terra Prometida. O capítulo 6, particularmente, trata da lei nazireia, que estabelece um voto especial de consagração a Deus. O texto em questão faz parte de uma seção que descreve as instruções dadas por Deus a Moisés para abençoar os filhos de Israel. Essa bênção é dada aos sacerdotes para ser pronunciada sobre o povo. O texto é uma bênção composta de três partes: invocação (“O Senhor te abençoe e te guarde”), petição (“O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti”) e conclusão (“O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz”). Essa estrutura tripartida enfatiza a completude e a plenitude da bênção divina. Historicamente, essa bênção era pronunciada pelos sacerdotes sobre o povo de Israel como parte do serviço religioso no templo.

A essência do ser humano sempre foi, de alguma forma, buscar a bênção da divindade; pessoas e comunidades revelam seus anseios mais profundos por vida plena e paz. Dessa forma, ele busca se relacionar com a vida e com a promoção da vida, e é aí que reside o caráter sagrado das religiões (cf. Ex 20,24). O problema se dá quando rituais são pervertidos e práticas religiosas comunitárias e pessoais se voltam para projetos individualistas – por exemplo, no pós-exílio, em que muitos rituais foram utilizados para a legitimação de instituições (Nm 15,32-36), hierarquias (Nm 17,1-5.25) e coleta de ofertas que não tinham o objetivo de fortalecer práticas de solidariedade, justiça, defesa e promoção da vida. A bênção e os rituais nunca devem ser usados como fonte de manipulação e ideologias, pois seu sentido é trazer vida abençoada para toda a comunidade e para todos os seus membros (cf. Jo 10,10).

2. II leitura (Gl 4,4-7)

Paulo, em sua carta aos Gálatas, destaca o momento oportuno da vinda de Jesus, filho de Maria, como parte do ápice da história da salvação. Essa encarnação do Verbo representa o clímax do plano divino, pelo qual Deus envia seu Filho para nos libertar da escravidão do pecado e nos adotar como filhos e filhas. Tal mensagem é crucial na carta, escrita por volta do ano 49-50 d.C. e dirigida às igrejas da Galácia, na atual Turquia. O objetivo é corrigir a influência dos judaizantes, que pressionavam os gentios convertidos ao cristianismo a seguir a Lei judaica.

O trecho em questão está situado em uma seção em que Paulo argumenta sobre a liberdade em Cristo, em contraste com a escravidão da Lei. Ele discorre sobre o papel central de Jesus na história da salvação, enfatizando o momento oportuno de sua vinda e sua importância para o resgate do pecado da humanidade, adotada como filhos e filhas de Deus.

Paulo afirma que a vinda de Jesus ocorreu no “momento oportuno” (*kairós*), ressaltando a soberania e providência de Deus na história da salvação. Ele contrasta a antiga escravidão da humanidade sob a Lei com a liberdade que vem por meio de Jesus, destacando que, por meio da fé nele, os crentes são adotados como filhos e filhas de Deus e herdeiros de suas promessas. Essa transição do regime da Lei para o regime da graça em Jesus é crucial para a compreensão do texto em seu contexto histórico e teológico.

3. Evangelho (Lc 2,16-21)

O Evangelho de Lucas foi escrito por alguém que não era da Palestina, porque se atrapalha ao falar da geografia da região. Possivelmente, quem escreveu esse Evangelho foi um grande admirador de Paulo; talvez um membro de alguma comunidade paulina ou um prosélito grego – alguém que teve contato com a religião judaica, estudou as Escrituras e mais tarde se converteu ao Evangelho de Jesus. No fim do século, as comunidades vivem um momento crítico, correndo o risco de abandonar o projeto de Jesus e assimilar valores propostos pela sociedade greco-romana. Algumas pessoas caem na descrença e no desânimo e acabam abandonando a caminhada (Lc 24,13.21). Diante dos desafios de seu tempo, o autor procura reavivar a memória da prática de Jesus, tendo como objetivo principal “verificar a solidez dos ensinamentos recebidos” (Lc 1,4). Para isso, ele apresenta quem é Jesus de Nazaré e o que é preciso fazer para segui-lo. Mais do que informar, o autor quer reforçar a fé dos seus leitores.

O texto de Lucas 2,16-21 faz parte do relato do nascimento de Jesus em Belém. Após o nascimento, pastores vêm adorar o recém-nascido, conforme os anjos lhes anunciaram. O texto menciona a circuncisão de Jesus e a imposição do nome, conforme a tradição judaica. A circuncisão e a imposição do nome são práticas que mostram o cumprimento da

IGREJA CORPO DE CRISTO

Síntese da eclesiologia de Santo Agostinho

Pe. Charles Lamartine



Descubra o papel importante de Santo Agostinho na defesa da unidade e da Tradição da Igreja. Este livro oferece uma análise sobre sua interpretação teológica e esclarece sua contribuição para a compreensão da Igreja como uma, santa, católica e apostólica.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Lei de Moisés e a inserção de Jesus na tradição religiosa judaica. Isso enfatiza sua identificação com o povo judeu e sua submissão às práticas religiosas da época. O texto retrata a humildade do nascimento de Jesus, pois ele nasce em Belém, em uma manjedoura, e é anunciado primeiramente aos pastores, que eram considerados pessoas simples e humildes na sociedade da época. Historicamente, o texto ressalta a importância de Jesus como o Messias esperado pelos judeus e sua identificação com seu povo por meio da circuncisão.

Nessa perspectiva, ao considerar o papel de Maria nessa realidade, é importante visualizar sua forte presença em todo o evento. Maria, ao aceitar ser a mãe de Jesus, torna-se também um exemplo de fé e obediência ao projeto do Deus da vida. Embora o texto de Lucas foque nos eventos que confirmam a identidade judaica de Jesus, Maria é a figura que integra essa identidade no contexto familiar e religioso. Sua atitude de “guardar todas essas coisas no coração” (Lc 2,19) revela uma postura de profunda meditação e aceitação dos planos de Deus, que se alinham com a tradição e a fé que sustentavam as comunidades cristãs nas dificuldades do final do primeiro século. Ao mencionarmos a circuncisão de Jesus, não podemos esquecer que Maria, como Mãe de Deus, desempenhou um papel essencial em assegurar que seu filho fosse fiel às tradições de seu povo, preparando-o para cumprir seu projeto de amor.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Maria é símbolo de resistência e esperança. Viveu numa sociedade onde imperava a opressão, a exploração e a violência. Como mãe e mulher, protagonizou o projeto do seu filho, Jesus. Inspirados pela coragem e ousadia de Maria, como podemos resistir à opressão e trabalhar pela transformação de nossas comunidades?

– A maternidade de Maria subverte as expectativas sociais e religiosas de seu tempo. O nascimento de Jesus não em um palácio, mas

em uma manjedoura, e a visita dos pastores, pessoas simples e marginalizadas, questionam as hierarquias de poder e *status*. Que ações concretas podemos tomar para subverter as hierarquias injustas em nossa sociedade e promover verdadeira igualdade?

– Maria não deve ser apenas um ícone passivo de devoção, mas sobretudo uma figura ativa de transformação social e espiritual. Sua vida nos chama a uma fé que se traduz em ações concretas de libertação dos oprimidos. Como podemos, em nossa prática diária, transformar nossa fé em ações que promovam a libertação das diversas formas de escravidão moderna, sejam elas econômicas, sociais ou espirituais?

– Jesus nos ensinou a chamar Deus de “Abbá, Pai”, criando uma comunidade baseada na fraternidade e na justiça. A maternidade de Maria nos lembra que essa identidade filial exige de nós um compromisso ativo com a justiça social. Em que aspectos de nossa vida estamos falhando em viver esse compromisso? O que podemos fazer para alinhar mais estreitamente nossas ações com a visão do Reino de Deus?

– A aceitação de Maria do chamado divino e sua vida de serviço nos desafiam a uma resposta profética ao amor de Deus. Isso significa não apenas acolher passivamente, mas também agir ativamente para transformar as realidades de desigualdade e injustiça que nos cercam. Estamos dispostos a arriscar nosso conforto e segurança para agir em nome dos princípios de justiça e amor exemplificados por Maria?

EPIFANIA DO SENHOR

5 de janeiro

A revelação do mistério divino

I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa da Epifania celebra a manifestação de Jesus Cristo ao mundo, simbolizada pela visita dos magos do Oriente. Este evento é

uma revelação do mistério divino: Jesus é o Messias não apenas para Israel, mas também para todas as nações. Os textos bíblicos da Epifania nos convidam a refletir sobre a universalidade da salvação trazida por Cristo e sobre o papel da luz divina, que atrai todas as pessoas, independentemente de sua origem.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 60,1-6)

O capítulo 60 integra o núcleo do Terceiro Isaías. Aqui, a busca é por um novo êxodo e uma sociedade nova, e as pessoas se voltam para Jerusalém. No entanto, algo acontece: a elite judaica, apoiada pelos persas, impõe seu projeto de reconstrução do templo e da sociedade teocrática. Nesse momento, o templo e a lei do puro e do impuro imperam, tornando-se meios de arrecadação de tributos para o custeio das autoridades de Jerusalém, aliadas ao Império Persa na opressão e exploração do povo. A grande novidade, contudo, é que o sonho de uma nova sociedade continua vivo, um “novo céu e uma nova terra”, baseados no direito e na justiça. É esse projeto de liberdade que o grupo do Terceiro Isaías procurará manter a partir de agora.

Isaías 60,1-6 é parte de um hino que exalta Jerusalém e a situa como centro religioso e econômico para todos os povos (cf. Is 33,17-24). É uma cidade do futuro, descrita em Isaías 54-55, e será um ambiente de justiça e paz, onde haverá segurança, felicidade e bem-estar, tanto econômicos quanto espirituais. Nessa cidade já não haverá violência nem destruição (cf. Ap 21). É preciso entender que, no contexto dos períodos exílico e pós-exílico, é compreensível o sonho de uma Jerusalém restaurada e tornada centro do universo, mas pregar essa visão atualmente provocaria exclusão e violência.

O que fica desse texto é a ênfase na permanente presença de Deus, que não se restringe a um grupo específico, mas é destinada a toda a humanidade.



**Comprar
on-line
Ficou mais
barato!**

**Compre pelo site
e retire em uma de
nossas livrarias.**

**Selecione
“RETIRAR” em seu
carrinho e confira a
loja mais próxima.**



loja.paulus.com.br

2. II leitura (Ef 3,2-3a.5-6)

Em Efésios, grande parte dos membros da comunidade cristã era formada por não judeus convertidos, mas havia também membros judeus que eram antigos tementes a Deus. Isso significa que o problema da relação entre judeus e não judeus ainda persistia. O que muda aqui é que, antes, os judeus viviam distantes e sofriam com a muralha da separação pela lei da pureza; agora, porém, eles são aproximados pelo “sangue de Cristo” (Ef 2,13) para continuar a viver em paz.

No final do século I, as comunidades estavam às voltas com um problema: cristãos influenciados pelas “religiões gnósticas”. A carta aos Colossenses havia alertado: “Tomem cuidado para que ninguém os escravize com filosofias enganosas e vazias [...], que se baseiam [...] não em Cristo” (Cl 2,8). A insistência era apenas no conhecimento da divindade por meio dos esforços humanos, com raciocínios filosóficos. Efésios 3 descreve o mistério de Cristo, o projeto salvador de Deus, por meio do Evangelho. Mostrando o Evangelho como o anúncio da salvação de Jesus Cristo, provavelmente a intenção de Efésios fosse prevenir contra outros evangelhos: o evangelho da *pax romana*, o do grupo judaizante e o do grupo gnóstico. Estes estavam comprometendo, com suas ações, o jeito de ser dos cristãos, dessa nova comunidade que se empenhava pela fraternidade e pela paz.

Enfim, no trecho deste domingo, Paulo destaca que os gentios estão inclusos no plano de salvação, quebrando a separação entre judeus e não judeus. O apóstolo é prático e afirma que essa inclusão é essencial para quem deseja viver o Evangelho, buscando participar do projeto de Jesus.

3. Evangelho (Mt 2,1-12)

Mateus fala de uma estrela para indicar o nascimento do menino Jesus. Havia uma crença, na perspectiva dos orientais, de que uma pessoa especial nascia quando uma estrela

surgia. Com isso, o grupo pertencente às comunidades de Mateus queria dar ênfase ao nascimento de Jesus e à sua importância, mostrando que a presença de Deus conosco pode ser esperança para alguns e ameaça para outros.

Simbolizando as diversas nações, os magos do Oriente saem em busca do Messias. Partem rumo a Jerusalém, o centro político, religioso e econômico da Palestina, com o objetivo de buscar informações sobre o Messias, pois querem homenageá-lo (v. 2). Esse é o tempo em que Roma governa por meio do rei Herodes, que oprimia e marginalizava o povo. Com a notícia do nascimento de Jesus, Herodes e seu grupo elitista ficam apavorados (v. 3). Os sacerdotes e escribas são convocados para verificarem as Escrituras (v. 4). Eles confirmam, por meio do profeta Miqueias (Mq 5,1), que nasceria em Belém de Judá o rei dos judeus. Logicamente, com essa informação, Herodes se apavora ainda mais, pois o nascimento desse menino é grande ameaça para os opressores do povo.

Por trás dessa história, está a experiência da comunidade de Mateus, que luta por sua libertação (cf. Mt 10,23). Herodes traça um plano e pede aos magos que o mantenham informado sobre o que descobrirem, para que ele também possa prestar homenagem ao novo rei (v. 8). Os magos encontram o menino e sua mãe (v. 11). O encontro com Jesus acontece na casa, e nela há lugar para todos.

Os magos presenteiam Jesus, em reconhecimento de que ele é realmente o Messias, justo e misericordioso, rei que, por causa de seu projeto e sua prática em favor da vida, será capaz de morrer, ressuscitar e ser reconhecido por todos como Filho de Deus (Mt 27,54). Os estrangeiros da história de Mateus sabem discernir os sinais. Despistando as elites, os magos voltam para sua terra e cultura de origem por caminhos diferentes (v. 12).

A realeza e a divindade de Jesus são manifestadas desde o início, sendo reconhecidas por gentios que representam as nações do

mundo. A atitude de Herodes contrasta com a adoração genuína dos magos. A narrativa sublinha a oposição entre o poder mundano, simbolizado por Herodes, e a verdadeira realidade de Jesus, que se manifesta na humildade e na simplicidade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *A diversidade como dom.* A luz de Deus é para todos, não importando a origem étnica ou social ou qualquer diferença em meio à diversidade cultural em que vivemos. A Epifania nos provoca a reconhecer e acolher a diversidade. Nossas comunidades devem ser espaços inclusivos, onde todos sejam acolhidos.

– *A busca pelo amor.* Os magos representam aqueles que buscam viver intensamente e com muita coragem o projeto de Jesus. Deus se revela a todos os que estão abertos à sua mensagem, independentemente de sua história e trajetória.

– *Contraste entre o poder que ama e o poder que destrói.* As lideranças governamentais e religiosas do tempo de Jesus, cegadas pela busca de *status* e poder, não reconheceram o Messias. Em contraponto a essa realidade, os magos, simples, buscam algo diferente: Jesus. Essa realidade nos convida a repensar nossas atitudes e prioridades.

– *O valor da simplicidade.* Jesus se revela na simplicidade. A verdadeira grandeza está na capacidade de amar e servir. É protegendo os vulneráveis e marginalizados que reconhecemos a constante presença do nosso bom Deus, que acolhe a todos sem distinção.

– *A conversão que cura e salva.* Quando os magos encontram Jesus, voltam por outro caminho. Ou seja, houve uma mudança de comportamento diante da vida. A Epifania é um convite a abraçar a universalidade do amor de Deus; a viver o projeto de Jesus com coragem e autenticidade; a valorizar a simplicidade e toda forma de vida; a despertar para o cuidado com nosso planeta.

COMO LER O EVANGELHO E NÃO PERDER A FÉ

Alberto Maggi



Espiritualidade e bom senso podem andar juntos? O livro busca responder a essa e outras questões de forma crítica, com uma série de reflexões voltadas aos cristãos e àqueles que buscam uma primeira aproximação aos Evangelhos.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Identidade e missão de Jesus

I. INTRODUÇÃO GERAL

O batismo de Jesus é um momento importante, que traz à tona a realização do projeto de Deus. Jesus faz um novo caminho, diferente do de João Batista, pois começa a viver de acordo com um novo horizonte. Ele deixa o deserto e vai para a Galileia, desejando viver de perto os problemas e sofrimentos das pessoas. Já não utiliza a linguagem ameaçadora do Batista; agora, sua mensagem será mais assertiva e inclusiva, transmitida por meio de parábolas.

As leituras deste domingo nos convidam a refletir sobre a identidade e missão de Jesus, reveladas em seu batismo: deixar o deserto e percorrer o caminho da Galileia, onde tocará e curará os doentes, defenderá os pobres, acolherá à sua mesa pecadores e prostitutas, abraçará crianças da rua.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 42,1-4.6-7)

O texto de Isaías apresenta o primeiro poema do “Servo do Senhor”. Sua missão é realizar a justiça e promover, com fidelidade, o direito entre as nações. Sua força e autoridade nascem do amor e do serviço, da ternura e do compromisso com as pessoas enfraquecidas. A autocompreensão de Israel, baseada no serviço, é diferente da de um novo rei Davi, fundamentado no poder oficial da monarquia (cf. Ez 37,21-28).

Tal Servo é amado por Deus e escolhido com o propósito de estabelecer a justiça e ser luz para as nações. Explica essa realidade o contexto histórico de Isaías, situado no período do exílio babilônico, quando o povo de Israel vivia em grande aflição. Nesse caso, a promessa do Servo de Deus traz esperança de libertação e renovação.

Isaías apresenta o Servo como alguém que não quebrará a cana rachada nem apagará o pavio que fumega, mas trará a justiça de maneira gentil e perseverante. Essa imagem não se identifica com os líderes opressores da época; aqui, ela é legitimada pela ação de um líder cheio de compaixão. No batismo de Jesus, o Espírito está sobre ele, a profecia de Isaías se cumpre e afirma sua missão de justiça e libertação.

2. II leitura (At 10,34-38)

No livro de Atos, Pedro anuncia aos gentios que Deus não faz distinção de pessoas. O apóstolo faz um resumo do ministério de Jesus, iniciado após seu batismo por João. Jesus foi marcado e ungido com o Espírito Santo e com poder, e andou por toda parte, fazendo o bem e curando os oprimidos pelo espírito da divisão, porque Deus estava com ele.

O texto dá ênfase à universalidade e grandiosidade da missão de Jesus. A mensagem de salvação é para os judeus e para todas as nações. O batismo de Jesus e sua unção com o Espírito Santo são apresentados como o início de seu projeto, que atravessa a história de forma dialógica e transformadora, respeitando as diversidades culturais e étnicas, na convicção de que o Reino de Deus é justiça, igualdade e fraternidade para todas as nações.

3. Evangelho (Lc 3,15-16.21-22)

O Batista fala claramente: “Eu vos batizo com água”, mas isso só não basta. É preciso acolher em nossa vida um outro “mais forte”, cheio do Espírito de Deus: “Ele vos batizará com Espírito Santo e no fogo”. Jesus viveu no Jordão uma experiência diferente, que marcará sua vida para sempre. A questão aqui já não é se irá ou não viver como o Batista, e sim o trabalho que se inicia, abrangendo algo muito maior e percorrendo os caminhos da Galileia para que a Boa Notícia de Deus seja conhecida e reconhecida por todos aqueles que se apaixonarem pelo seu projeto.

João Batista avisa que virá alguém maior que ele. Esse outro terá o poder de batizar com o Espírito Santo e com fogo. O projeto de Jesus é mais ousado: ele sabe muito bem que as estruturas oficiais serão mexidas. Nunca mais a sociedade da Palestina será a mesma.

Os evangelistas descrevem uma cena impressionante sobre o que Jesus viveu na sua intimidade: “Os céus se rasgam”. Aqui já não há distâncias: o Reino de Deus, seu Espírito, já está presente e, por isso, Deus se comunica de forma magnífica com Jesus: “Tu és o meu Filho. Eu hoje te gerei”. O essencial e o mais profundo está dito. É desta forma que Jesus ouve seu Pai no seu interior: “Tu és meu. És meu Filho. Teu ser está surgindo de mim. Eu sou teu Pai. Amo-te com amor entranhável, enche-me de prazer que sejas meu Filho; sinto-me feliz”. É a partir desse momento que Jesus invocará a Deus apenas como “Abbá, Pai”.

A presença do Espírito e a voz de Deus sublinham a missão de Jesus de inaugurar o projeto da vida, instaurando assim o Reino de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Identidade filial e missão.* O batismo de Jesus revela sua identidade e intimidade como Filho de Deus e, pela primeira vez de forma pública, apresenta sua missão de justiça e libertação. A partir do batismo, todos os cristãos são chamados a viver plenamente sua identidade filial, ou seja, seguir os mesmos passos de Jesus. Num mundo marcado por desigualdades sociais e pelo constante ataque à mãe Terra, gerando desastrosos efeitos climáticos, como os batizados e seguidores de Jesus podem viver sua identidade batismal de maneira concreta na vida cotidiana?

– *Acolhida à espiritualidade.* Espiritualidade é uma palavra que, se mal interpretada, para muitos pode significar algo inútil, afastado da vida real. Para que poderia servir? O que costuma interessar é o concreto, o material, não o espiritual. No entanto, o espírito de uma pessoa é algo valorizado na sociedade atual,

AS PARÁBOLAS DE JESUS

Joachim Jeremias



Este livro revela os significados das parábolas de Jesus, explorando a figura original de suas palavras e sua evolução na Igreja primitiva. O autor analisa as transformações e variações dessas parábolas.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

porque indica o mais profundo e decisivo de sua vida: a paixão que a anima, sua inspiração última, o que contagia os outros, o que essa pessoa vai criando no mundo. O espírito anima nossos projetos e compromissos, configura nosso horizonte de valores e nossa esperança. Conforme for nosso espírito, assim será nossa espiritualidade. E assim será também nosso seguimento do Evangelho de Jesus e nossa vida inteira. Em que áreas de nossa vida precisamos ser mais sensíveis às moções do Espírito, na perspectiva integral do ser humano?

– *A salvação é para quem segue e pratica o projeto de Jesus.* Pedro afirma que Deus não faz distinção de pessoas e a mensagem de Jesus é para todos. Essa universalidade nos desafia a transcender nossas barreiras culturais, sociais e religiosas, acolhendo a todos com amor e respeito. Não podemos esquecer que a universalidade não é sair pregando um Evangelho de medo e vingança contra quem tem convicções de fé diferentes. A universalidade é para quem acredita livremente e deseja seguir o projeto de Jesus. O amor e a justiça são para todos e independem de como esse filho ou filha de Deus viva e acredite. Essa é a profundidade do espírito que Jesus quis viver, porque o Reino de Deus é algo que transcende nosso próprio crer e querer. Como podemos, em nossa comunidade, criar um ambiente inclusivo, que reflita a universalidade da salvação em Jesus?

– *Ação transformadora.* O projeto de Jesus inclui fazer o bem e curar os oprimidos. Nossa fé deve se traduzir em ações concretas de serviço, compaixão e misericórdia. O batismo é o modo pelo qual Jesus, ao ser batizado no Jordão, se torna modelo de toda experiência cristã, chamando-nos a ser instrumentos de amor em nossas comunidades para atuar contra as estruturas de pecado e injustiça. Que passos práticos podemos dar para viver essa missão de maneira mais efetiva?

– *Voz profética e docilidade em Deus.* A voz do céu declarou o prazer de Deus em Jesus. Jesus passa a viver numa atitude de total docilidade

a Deus. Como seus discípulos, somos chamados a ouvir a voz de Deus em nossa vida e responder a ela, assumindo um papel profético em nosso mundo. Isso significa falar a verdade com amor, defender os marginalizados e trabalhar por um mundo mais justo. Em tempos de crises de fé, é preciso não se perder no acidental e secundário. É preciso cuidar do essencial, que é a confiança total em Deus e a docilidade humilde. Todo o resto vem depois. Vale a pena assumir essa vocação profética, mesmo quando ela exige sacrifícios e riscos?

– *Convite ao compromisso.* A festa do Batismo do Senhor nos provoca a sermos humanos até o fim, sem sufocarmos nosso desejo de vida até o infinito; a defender nossa liberdade, sem entregarmos nosso ser a qualquer coisa; a permanecermos abertos a todo amor, a toda verdade, a toda ternura existente em nós; a não perder nunca a esperança no ser humano nem na vida. Jesus é o Filho amado de Deus, ungido pelo Espírito para trazer justiça e libertação.

2º DOMINGO DO TEMPO COMUM

19 de janeiro

A manifestação da glória de Deus nas bodas de Caná

I. INTRODUÇÃO GERAL

O que ocorre em Caná é um protótipo do que irá acontecer a partir de então. Tudo acontece numa festa de casamento, uma celebração que reúne amigos e familiares. Numa festa em que ocorre a comunhão entre duas pessoas, Deus se manifesta por meio de seu Filho e mostra que a capacidade total de saciar nossa sede só será encontrada quando acolhida e desenvolvida por meio dos sinais que se manifestarão a partir de então.

Nas bodas de Caná, Jesus passa a ser reconhecido por alguns como o Messias. Desde o início da dominação romana, Caná da Galileia, uma região montanhosa, era o lugar onde as pessoas consideradas rebeldes, os grupos

subversivos que se opunham ao regime dominante em Jerusalém, se refugiavam. Situar o princípio dos sinais de Jesus nessa região montanhosa poderia significar, para a comunidade joanina, um incentivo para continuar a resistir contra os judeus fariseus e o Império Romano.

As leituras deste domingo nos convidam a refletir sobre o projeto de Jesus, que é de vida plena, e considera as necessidades concretas da comunidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 62,1-5)

Este trecho faz parte do Terceiro Isaías, livro cujo contexto é o retorno dos exilados a Jerusalém, embalados pelo sonho de um novo êxodo e de uma nova sociedade. Com a promessa de refazer a aliança e recomeçar o relacionamento amoroso entre a cidade e seu esposo, Javé, o texto traz uma resposta às acusações de que Javé não age em favor do seu povo: um novo céu e uma nova terra, uma união de casamento, a mesma alegria, será alcançada. Ter um nome novo significa ter novo destino (cf. Ez 48,35). O gesto de levantar a mão fazia parte desse juramento (cf. Gn 14,22; Ex 6,8; Ez 20,5).

No fundo, essa passagem de Isaías celebra a alegria e a esperança do povo de Israel, que vivia o período de restauração após o exílio babilônico e estava sem direção, desconfiado. Aqui, o profeta anuncia que a libertação de Jerusalém está próxima e ela será como uma coroa de glória na mão do Senhor. Deus promete uma aliança nova, simbolizada pela relação entre noivo e noiva, destacando uma confiança renovada entre ele e seu povo.

2. II leitura (1Cor 12,4-11)

Paulo, nesse trecho, fala sobre a diversidade dos dons espirituais, todos concedidos pelo Espírito Santo para o bem comum. Cada dom é uma manifestação do Espírito e deve ser utilizado para tornar a comunidade ainda melhor, ou seja, edificada. Dessa forma, a comunidade obterá a unidade no corpo de Cristo.

TEOLOGIA MORAL EM SAÍDA

Desfazer nós e
enfrentar desafios

Julio L. Martínez, sj



Esta obra apresenta os contextos eclesiais dos quais se solicita a renovação da moral. Aprofunda-se nas questões da epistemologia teológico-moral e do método, para delinear as chaves de uma teologia moral em saída.



Aponte a câmera do
seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

A comunidade de Corinto estava passando por divisões internas, e Paulo aproveita a oportunidade para insistir que todos os dons devem ser postos a serviço da unidade e da cooperação. No fundo, Paulo enfrenta problemas e propõe soluções. Cristo, o único líder, não está dividido. Para os inúmeros carismas existentes na comunidade, o serviço ao bem comum e a subordinação ao dom maior, que é o amor, são fundamentais.

3. Evangelho (Jo 2,1-11)

Um fato corriqueiro aqui aparece: um casamento. A imagem do casamento era muito usada para falar da aliança entre Deus e seu povo. Temos uma festa em que as pessoas estão celebrando a vida, e é nesse lugar que o vinho começa a faltar. O vinho é sinal do amor e da bênção de Deus (cf. Ct 1,2; 8,2). Seria a falta de vinho uma referência à falta de amor? A mãe de Jesus percebe que a Antiga Aliança não está sendo suficiente para trazer vida às pessoas. É uma mulher, uma mãe, que percebe a falta de vinho em meio a uma festa de casamento.

Maria é a representante do Israel fiel às promessas de Deus, daqueles que reconhecem em Jesus o Messias e lhe apresentam a grande dificuldade: “Eles não têm mais vinho” (v. 3). Maria leva até Jesus essa necessidade e o faz ver a aflição de Israel. Aqui se evidencia a situação de pobreza, sofrimento e vazio dos filhos de Israel.

Para que os sinais de Jesus sejam realizados, ele conta com a colaboração das pessoas. Os servos devem encher os jarros (v. 7). As jarras eram usadas para conter a água para purificação ritual. Elas lembram a Lei de Moisés, o código da Antiga Aliança. Havia seis jarras, um número incompleto. O Evangelho apresenta seis festas judaicas (2,13; 5,1; 6,4; 7,2; 10,22; 11,55). Essas festas, assim como as jarras, estão vazias. As autoridades judaicas as transformaram em momentos de exploração e opressão justificadas pela Lei. O mestre-sala experimenta o vinho novo e não tem a menor ideia de sua procedência, mas deixa claro que

é melhor do que o outro. Representante da classe dos dirigentes (v. 6), ele se dirige ao noivo e diz: “Você, porém, guardou o vinho bom até agora” (v. 10). Demonstra surpresa e admite que a qualidade do vinho novo é melhor. Na fala do mestre-sala, as autoridades reconhecem que a proposta da comunidade joanina é melhor, ou seja: a sensibilidade, o amor, a solidariedade e o serviço dão sentido à vida das pessoas. E quem articula esse novo jeito de viver, nessa comunidade, são as mulheres, que ajudam a construir novas relações.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *O projeto de Jesus é para quem deseja segui-lo.* A cena de uma festa de casamento em Caná da Galileia, uma pequena aldeia de montanha, a quinze quilômetros de Nazaré, possui um caráter claramente simbólico. Nem a esposa nem o esposo têm rosto: não falam nem atuam. O único importante é um convidado que se chama Jesus. Como podemos reconhecer e celebrar a abundância da graça de Deus em nossa vida?

– *Renovação e compromisso.* No pátio da casa há seis jarras de pedra. São enormes. Estão colocadas ali de maneira fixa. Nelas se guarda a água para as purificações. Representam a piedade religiosa dos camponeses que procuram viver puros diante de Deus. Jesus transforma a água em vinho; sua intervenção vai introduzir amor e alegria naquela religião. Essa é sua primeira contribuição. Até quando podemos conservar em talhas de pedra uma fé triste e aborrecida?

– *Diversidade dos dons e unidade.* Paulo deixa claro que os dons espirituais surgem do Espírito que vem de Deus e devem ser postos a serviço do bem comum. Por meio da diversidade de dons, a unidade em Cristo é fortalecida. Como podemos promover a unidade por meio dos nossos dons?

– *Confiança em Deus.* Maria, ao interceder por aqueles que estavam em necessidade, mostra-nos uma situação triste, que só será

transformada pelo vinho novo trazido por Jesus. Um vinho que só saboreiam aqueles que acreditam no amor gratuito de Deus Pai e vivem animados e empolgados por um espírito de verdadeira fraternidade.

— *Convite ao compromisso.* Vivemos em uma sociedade onde cada vez mais se enfraquece a raiz cristã do amor desinteressado. Frequentemente, o amor se reduz a um intercâmbio mútuo, prazeroso e útil, em que cada pessoa busca seu próprio interesse. Nunca é tarde para aprender a viver com maior profundidade. Aquele Jesus, que iluminou com sua presença as bodas de Caná, pode ensinar todos os cristãos a beberem um vinho ainda melhor.

3º DOMINGO DO TEMPO COMUM
26 de janeiro

A manifestação do projeto do Deus da vida e a unidade do corpo de Cristo

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo convida-nos a refletir sobre a unidade e a missão da Igreja, destacando como cada membro do corpo de Cristo tem um papel vital a desempenhar. As leituras apresentam a importância da escuta da Palavra de Deus, a diversidade dos dons espirituais e a missão de Jesus proclamada no Evangelho. A unidade, a missão e a transformação são temas centrais que nos ajudam a compreender como podemos viver plenamente nossa fé na comunidade e no mundo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ne 8,2-4a.5-6.8-10)

Esse trecho do livro de Neemias narra um momento importante da história de Israel, durante a reconstrução de Jerusalém, após o exílio babilônico. Esdras, o sacerdote, lê a Lei de Deus para todo o povo reunido numa praça em Jerusalém. Essa liturgia é

O EVANGELHO LIDO NA TRADIÇÃO CRISTÃ Ano C

Pablo Cervera Barranco



NOVIDADE!

Ao longo dos Evangelhos dominicais e festivos do terceiro ano do ciclo litúrgico (Ano C), o livro oferece uma seleta e ampla antologia de textos de autores cristãos de todos os tempos, desde os Padres Apostólicos até autores recentes.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

solenemente presidida em torno do livro da Lei de Deus, muito provavelmente o núcleo do atual Pentateuco, e nela a comunidade dos repatriados, o novo Israel, professa sua fé. É nesse contexto que surge o judaísmo, centrado na observância da Torá, pois é nela que se narra a caminhada do povo de Deus, incluindo normas religiosas e legais que irão orientar a vida social, religiosa e política da comunidade judaica, cujo núcleo central são os repatriados. Por isso, até os dias atuais, o judaísmo professa que a Palavra de Deus se fez livro.

A leitura é feita publicamente, como um ato de renovação da aliança entre Deus e seu povo. O texto evidencia a importância da escuta atenta da Palavra de Deus e a resposta do povo com alegria, pois este começa a compreender e interpretar as palavras lidas pelos levitas. Nesse sentido, ler, interpretar e aplicar a Palavra de Deus na vida cotidiana é o maior desafio para os seguidores do Deus da vida, tanto ontem quanto hoje.

2. II leitura (1Cor 12,12-30)

A comunidade de Corinto recebe uma carta de Paulo em um momento em que enfrenta várias divisões internas. O apóstolo adota uma abordagem didática, ao usar a metáfora do corpo para ilustrar que a comunidade cristã precisa começar a compreender na prática o que é viver a unidade na diversidade.

Assim como um corpo é composto de muitos membros, Paulo destaca que a Igreja também é formada por pessoas que possuem dons únicos, concedidos pelo Espírito Santo. A comunidade necessita entender que cada membro é importante para o funcionamento de todo o corpo.

Nesse sentido, é essencial valorizar a diversidade dos dons em prol do bem comum. Todos os membros do corpo estão interligados e são interdependentes, com o objetivo de colaborar para o bem-estar e desenvolvimento de toda a comunidade.

3. Evangelho (Lc 1,1-4; 4,14-21)

Lucas situa o início do ministério público de Jesus na Galileia logo após seu batismo, realizado por João, e a tentação no deserto. Escrevendo para um público grego, Lucas pretende apresentar uma narrativa ordenada dos eventos da vida de Jesus (Lc 1,1-4). No capítulo 4, Jesus volta à Galileia “com a força do Espírito” (Lc 4,14), destacando a orientação divina em seu ministério. Ele retorna à sinagoga de Nazaré, onde lê o livro de Isaías, definindo assim a identidade de seu projeto e os rumos de sua missão.

O trecho de Lc 4,14-21 serve como uma espécie de declaração programática no início da vida pública de Jesus. Ele lê Isaías 61,1-2, um texto que fala sobre a unção do Espírito do Senhor para trazer boas-novas aos pobres, liberdade aos cativos, recuperação da vista aos cegos e libertação aos oprimidos. “Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabais de ouvir” (v. 21) é o que Jesus declara após ler a passagem de Isaías. Ele deixa claro do que se trata e a quem se destina seu projeto.

A leitura que faz na sinagoga e a declaração de seu cumprimento geram grande impacto. É em Nazaré, uma cidade pequena e com pouca importância política e religiosa, que se inicia o projeto de Jesus. No século I, a espera de um Messias era comum, pois se ansiava por alguém que pudesse libertar o povo política e nacionalmente. Jesus propõe uma rota diferente e centra seu projeto na libertação social e espiritual mais ampla.

Os ouvintes de Jesus inicialmente recebem sua mensagem muito bem, mas rapidamente isso se transforma em rejeição e escândalo (Lc 4,22-30). Aqui se vê claramente a tensão entre o que os ouvintes esperam e o que de fato o projeto de Jesus propõe. Ele declara firmemente que a profecia se cumpre nele, desafiando a compreensão tradicional do Messias e apontando para nova compreensão do seu papel.

É interessante notar que Lucas provavelmente utilizou fontes comuns a Mateus e Marcos, com o objetivo de adaptar seu conteúdo para um público específico. Desde o início, Lucas apresenta Jesus como aquele que é guiado pelo Espírito, deixando claro que Jesus é a continuidade do projeto do Deus da vida.

É claro que o projeto de Jesus anuncia as boas-novas aos pobres, a libertação dos cativos, a recuperação da vista aos cegos e a libertação dos oprimidos. Sem dúvida, é uma nova era de justiça e restauração, introduzida pelo Reino do Deus da vida. As promessas proferidas pelos profetas se fazem presentes, e este é um tema importante para Lucas, que apresenta Jesus como o clímax da história salvífica de Israel.

Jesus é rejeitado em Nazaré e aceito pelos de fora de Israel (Lc 4,24-27). O Reino de Deus é inclusivo, e o Evangelho não é apenas para Israel, mas também para todos os povos, especialmente para os mais oprimidos e marginalizados. Portanto, a proclamação de Jesus desafia as expectativas de um Messias meramente político. Nesse sentido, seu projeto é redefinido para a inclusão de todos e uma transformação mais abrangente da humanidade e da sociedade como um todo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *O projeto de Jesus é para quem deseja segui-lo.* A missão de Jesus é para quem deseja seguir seu projeto; é inclusiva, transformadora e libertadora. O convite é para que reconheçamos a graça de Deus em nossa vida e nos comprometamos com o projeto de Jesus, que nos traz boas-novas de libertação.

– *Compromisso de renovação.* O povo de Israel foi convidado humildemente a renovar sua aliança, sua Lei. Dessa forma, todos somos convidados a renovar nosso compromisso com a Palavra de Deus. É possível vivermos de tal forma que consigamos transformar nossa vida e nossas comunidades?

INFOPASTORAL

O agir pastoral numa sociedade em transformação

Andréia Gripp



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

A autora oferece aos comunicadores católicos uma nova proposta de evangelização e presença da Igreja no ambiente digital: a infopastoral, ou infopraxis, que nasce da convicção de que o povo de Deus precisa integrar a mensagem do Evangelho à cultura digital.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

– *Diversidade dos dons e unidade.* Paulo nutre nas comunidades a valorização da diversidade na unidade do corpo de Cristo. Podemos usar nossos dons para promover a unidade e o bem comum em nossa comunidade?

– *Convite ao compromisso.* Vivemos em um momento em que a raiz cristã do amor está cada vez mais fora de moda. Percebemos que o amor se reduz apenas à utilidade, ao prazer e ao individualismo, com cada um buscando apenas os próprios interesses. Nunca é tarde para aprender a viver com maior profundidade. Jesus proclamou a Boa-nova em Nazaré e, com sua própria vida, ensinou todos os cristãos a viver com um amor mais pleno e comprometido.

APRESENTAÇÃO DO SENHOR

2 de fevereiro

Revelação e glória para seu povo

I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa da Apresentação do Senhor é um momento importante no calendário litúrgico. A celebração rememora a apresentação de Jesus no templo, rito judaico de purificação e consagração ao Senhor, conforme prescrito na Lei de Moisés. Esse evento cumpre a Lei e, mais do que isso, revela Jesus como a luz que ilumina todas as nações e a glória de Israel. A liturgia deste dia é uma espécie de convocação à reflexão sobre a manifestação do projeto de Jesus como luz do mundo e o cumprimento das promessas do Reino de amor do Deus da vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ml 3,1-4)

Malaquias é um livro que se situa no período do pós-exílio e aborda a realidade de uma comunidade desanimada com a problemática política e religiosa em torno de Jerusalém. Esse discurso se dá em forma de diálogo com o povo, mas principalmente

com os sacerdotes que mantêm o monopólio do templo e com a elite que controla Judá. É nesse momento de turbulência que o profeta anuncia a chegada de um mensageiro que preparará os caminhos do Senhor.

O grupo de Malaquias possui um olhar e um coração atentos aos pobres e oprimidos. São os levitas que anunciam a chegada de Javé, que irá julgar o comportamento injusto da sociedade (Ml 3,5; cf. Lv 19,13; Dt 24,17-21). No campo religioso, há o perigo da opressão. Nesse sentido, os feiticeiros e adúlteros são utilizados como exemplos daqueles que agem fora do sistema reinante no templo de Jerusalém (cf. Dt 13,2-19; 18,9-12).

Em Ml 3,1-4, o mensageiro é descrito como um agente de purificação, comparado ao fogo do fundidor e ao sabão dos lavadeiros. Esse momento de purificação é necessário para que os filhos de Levi consigam oferecer sacrifícios agradáveis ao Senhor. A profecia de Malaquias, sem dúvida, aponta para uma religião autêntica, baseada na justiça e na fidelidade ao Deus da vida.

2. II leitura (Hb 2,14-18)

Quando esse texto de Hebreus foi escrito, a comunidade cristã estava passando por um momento de muita perseguição. Para evitar perseguições, a comunidade judaico-cristã, leitores originais, buscavam retornar ao judaísmo. O autor da carta, então, busca encorajá-los a persistir no projeto de Jesus. Para isso, apresenta Jesus como maior que todos os elementos da Antiga Aliança, incluindo os sacerdotes e os sacrifícios do templo.

No trecho de hoje, o autor enfatiza a humanidade de Jesus. Este assume a carne e o sangue, partilhando da condição humana em sua totalidade. A encarnação de Cristo é percebida como ato de profunda solidariedade.

Jesus se torna “irmão” de todos os humanos, no sentido mais concreto do seu projeto: experimenta a tentação e o sofrimento e, por isso mesmo, entende e socorre todos os que o

buscam e estão sendo tentados. Ele transcende o papel tradicional segundo o qual o sumo sacerdote é o mediador entre Deus e o povo, ao oferecer sacrifícios pelos seus pecados.

Então, Jesus vai muito além do modelo tradicional, que é pura ritualidade no templo. O poder da morte e das forças opressivas é destruído por meio da humanidade de Jesus, um irmão solidário que caminha ao lado de cada pessoa.

3. Evangelho (Lc 2,22-40)

Conforme prescrito na Lei de Moisés, Maria e José se dirigem ao templo para ali apresentar Jesus, cumprindo a Lei ao oferecer um par de pombinhos, sacrifício permitido aos pobres. A narrativa é inclusiva: os mais pobres são parte do projeto do Deus da vida.

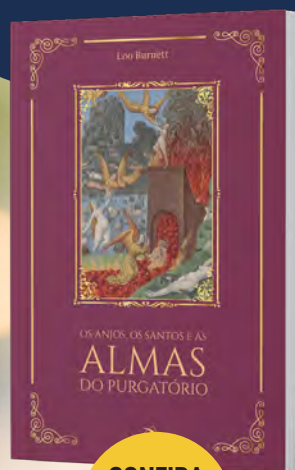
Simeão e Ana são personagens que representam o remanescente fiel de Israel, aguardando a redenção e consolação de Jerusalém. Simeão profetiza, por meio do Espírito, que Jesus será a salvação preparada por Deus para todos os povos. O reconhecimento público de que Jesus será “luz para revelação aos gentios e glória de Israel” faz parte dessa profecia, carregada de significado histórico e teológico.

Aqui se faz presente o cumprimento das promessas do Deus da vida e a expectativa da chegada do Messias, tão enraizada na cultura judaica. Ana, profetisa já idosa, confirma que Jesus é o Messias, simbolizando a perseverança e a esperança do povo de Deus ao longo dos séculos. O testemunho feminino no seio das primeiras comunidades cristãs possibilita a continuidade do espírito profético presente em Israel.

A inclusão de Simeão e Ana na narrativa mostra a ênfase de Lucas em que o Evangelho é para todos, principalmente para os mais pobres, que esperam a redenção. A Nova Aliança se faz presente por meio de Jesus, e essa aliança traz luz e glória para todas as nações, principalmente para aqueles que desejam seguir o projeto de Cristo.

OS ANJOS, OS SANTOS E AS ALMAS DO PURGATÓRIO

Loo Burnett



**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O livro apresenta um estudo completo sobre o purgatório. Fundamentado nas Sagradas Escrituras, no magistério e na Tradição da Igreja, reflete sobre grandes temas relacionados ao assunto.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Jesus como luz e revelação.* A apresentação de Jesus no templo revela como sua presença será a luz que ilumina as nações e possibilita o bem para Israel. Queremos ser portadores dessa luz em nossa vida e em nossas comunidades, trazendo esperança e revelação às pessoas ao nosso redor?

– *Purificação e renovação.* A profecia de Malaquias e o rito de apresentação no templo sublinham a necessidade de purificação e renovação da amplitude da vida. Queremos adotar uma fé mais autêntica e alinhada com os ensinamentos de Jesus?

– *Solidariedade e serviço.* A carta aos Hebreus fomenta a solidariedade de Jesus com a humanidade. Em que aspectos podemos refletir essa solidariedade em nossa vida diária, estendendo a mão aos necessitados e sendo instrumentos de reconciliação?

– *Testemunho e esperança.* Simeão e Ana nos mostram que a perseverança e a fé devem persistir em nossas escolhas diárias. Como podemos nos tornar testemunhas fiéis da esperança cristã, especialmente em tempos de dificuldades e incertezas, portadores de um conservadorismo que muitas vezes nos leva à intolerância e à morte?

– *Convite ao compromisso.* A festa da Apresentação do Senhor nos convida a celebrar Jesus como luz para nossa vida e a espalhar seu amor, a fim de que o mundo seja pleno em sua luz, livre de tantas guerras e de toda forma de hostilidade contra a obra criadora de Deus. Por meio de sua encarnação, o Senhor se solidariza com a humanidade, trazendo purificação, renovação e esperança. Somos convocados para refletir essa luz em nossa vida, vivendo de acordo com o projeto do Evangelho e sendo testemunhas fiéis da salvação que nos livra de todo ódio e intolerância para com o diferente. Que possamos, como Simeão e Ana, reconhecer a presença de Jesus em nosso meio e proclamar a Boa-nova da redenção a todos.

5º DOMINGO DO TEMPO COMUM

9 de fevereiro

O chamado dos primeiros discípulos

I. INTRODUÇÃO GERAL

O 5º domingo do Tempo Comum suscita uma reflexão sobre o chamado de Deus a quem deseja seguir seu projeto. As leituras enfatizam o compromisso com o Deus da vida, a aceitação de nossa própria indignidade e a transformação que ocorre quando nos entregamos a uma vida fundamentada em caminhos de amor e de justiça. Este domingo é um convite a sermos mensageiros e instrumentos do Reino de amor, proclamando sua graça e espalhando sua mensagem que cura e acolhe a todos, independentemente de quem sejam e a que cultura ou povo pertençam.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. 1ª leitura (Is 6,1-2a.3-8)

O chamado de Isaías descrito na leitura ocorre no século VIII a.C., no ano da morte do rei Ozias, um período de forte crise política e religiosa. Esse evento é relevante para ter uma compreensão do impacto e mesmo da urgência da visão de Isaías. Tal visão é uma espécie de teofania, experiência rara e transformadora para qualquer profeta.

Os serafins, criaturas angelicais encontradas apenas nesse texto em toda a Bíblia, são apresentados com o intuito de ressaltar a santidade divina mediante a tríplice repetição “santo, santo, santo”, demonstrando a separação de Deus de tudo aquilo que é profano. No Antigo Testamento, o termo “fumaça” (*ashan*) está associado à presença divina (cf. Ex 19,18; 1Rs 8,10-11), simbolizando a grandiosidade de Deus e a incapacidade humana de suportar sua presença, caso não haja mediação.

Um dos serafins é quem purifica os lábios de Isaías com uma brasa retirada do altar, a qual simboliza a purificação dos pecados e a

capacitação para a profecia. O termo “brasa” (*rişpâ*) vem da raiz hebraica ר-ש-פ (r-ş-p), que pode estar relacionada ao conceito de ardência ou a algo queimado. Essa raiz aparece raras vezes na Bíblia, tornando *rişpâ* um termo específico e bastante único. Por isso, no contexto teológico, essa brasa retirada do altar é quem purifica e capacita a resposta de Isaías: “Aqui estou! Envia-me”, refletindo sua disponibilidade e transformação radical.

Isaías agora é um homem consciente de sua impureza e se transforma em um profeta ousado, disposto a proclamar a mensagem do Deus da vida. Essa sua missão é central para compreender a vocação profética no Antigo Testamento.

2. II leitura (1Cor 15,1-11)

Nessa leitura, Paulo apresenta um argumento importante sobre a fé cristã, fundamentada na morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo. Ele reafirma a narrativa essencial do Evangelho e sua importância contínua para os crentes. Enfatiza que a ressurreição é um ponto crucial da fé cristã e recorda a graça transformadora de Deus, que capacita seus seguidores a proclamar essa verdade. Além disso, posiciona-se como um exemplo dessa transformação, passando de perseguidor da Igreja a fervoroso apóstolo, cuja vida e missão são impactadas pela experiência pessoal da graça divina. Ao conectar sua própria transformação à mensagem por ele pregada, Paulo reforça a credibilidade de seu testemunho, bem como a continuidade do que Deus é e representa na vida daqueles que respondem ao Evangelho de Jesus.

3. Evangelho (Lc 5,1-11)

Ao chegar às margens do lago de Genesaré, Jesus experimenta uma recepção calorosa das pessoas, em contraste com a rejeição enfrentada anteriormente em seu próprio povoado. Os pescadores que o cercam não buscam milagres sensacionais como aqueles de Nazaré, mas desejam ouvir a Palavra de

CARLO ACUTIS

Um santo jovem

*Camille W. de Prévaux/
Fabrizio Russo*



Escrita em linguagem jovem e ilustrada, esta bela história em quadrinhos narra os principais momentos da vida de Carlo Acutis. Carlo era um jovem atento às pessoas que estavam ao seu redor.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Deus, aquilo de que realmente necessitam. O ensinamento de Jesus ocorre não em um ambiente formal, como uma sinagoga, mas em meio à natureza, com as pessoas reunidas à margem e ouvindo-o falar não de um assento elevado, mas de um barco humilde, sobre as águas calmas do lago.

O relato da pesca milagrosa no lago da Galileia foi amplamente difundido entre os primeiros cristãos. Diversos evangelistas registraram esse episódio, mas somente Lucas concluiu a narrativa com uma cena comovente, protagonizada por Simão Pedro, discípulo simultaneamente crente e consciente de seus pecados. Profundamente tocado pela fé em Jesus, Pedro deposita mais confiança nas palavras daquele mestre do que na própria experiência. Embora saiba que não é comum pescar ao meio-dia no lago, especialmente após uma noite sem sucesso, ele decide obedecer a Jesus: “Mas, em atenção à tua palavra, vou lançar as redes” (v. 5).

Pedro revela-se também alguém de coração sincero, ao reconhecer sua própria pecaminosidade diante da extraordinária pesca obtida. Ele se lança aos pés de Jesus e, com espontaneidade admirável, declara: “Senhor, afasta-te de mim, porque sou um pecador!” (v. 8). Diante de todos, reconhece ser indigno de estar na presença de Jesus.

Por sua vez, Jesus, diante da consciência de Pedro sobre o próprio pecado, não se afasta; ao contrário, ele o chama para uma missão transformadora: “Não tenhas medo! De hoje em diante tu serás pescador de homens” (v. 10). Jesus remove o medo de Pedro de ser um discípulo pecador e o associa à sua missão de reunir e chamar pessoas de todas as condições para participar do projeto libertador do Deus da vida.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Resposta ao chamado.* Assim como Isaías, Pedro e Paulo, somos desafiados e convidados a responder ao chamado do Deus da vida.

Estamos prontos para dizer “Aqui estou! Envia-me” e seguir Jesus, abandonando nossas próprias vontades e confortos em favor da vontade do amor e da justiça?

– *Purificação e transformação.* A visão de Isaías e a experiência de Pedro na pesca milagrosa destacam a necessidade contínua de purificação e transformação do nosso ego. Estamos abertos à purificação que Deus deseja realizar em nossa vida e à transformação que Jesus oferece, capacitando-nos para cumprir nossa missão como discípulos?

– *Obediência e fé.* Pedro obedeceu à palavra de Jesus e testemunhou um milagre! Dessa mesma forma, somos desafiados a examinar onde precisamos crescer em fé e obediência em nossa vida. Em que áreas estamos hesitantes em obedecer plenamente a Deus, e como podemos fortalecer nossa fé para receber as bênçãos que ele deseja nos conceder? Por que, como Igreja, resistimos tanto a reconhecer nossos pecados e confessar nossa necessidade de conversão? O pecado permeia tanto os fiéis quanto as instituições, desde a hierarquia até o povo de Deus, das lideranças às comunidades cristãs. Todos necessitamos de um caminho de conversão!

– *Proclamação do Evangelho.* Uma Igreja que reconhece corajosamente os próprios pecados não é mais verdadeiramente evangélica do que uma instituição que se esforça em vão para esconder suas fraquezas perante o mundo? Nossas comunidades não se tornam mais dignas de confiança quando colaboram com Jesus na missão evangelizadora, humildemente reconhecendo os próprios pecados e comprometendo-se com uma vida cada vez mais alinhada aos princípios evangélicos? Não há muito para aprender hoje com o apóstolo Pedro, que reconheceu seus pecados diante de Jesus?

– *Convite ao compromisso.* O 5º domingo do Tempo Comum nos desafia a reconhecer o profundo amor de Deus por todos nós,

a assumir nossa própria indignidade e a acolher a graça profética que capacita para a missão. Que possamos, como Isaías, Paulo e Pedro, responder ao chamado de Deus com fê, obediência e disposição, proclamando a mensagem que cura a todos e vivendo como discípulos de Jesus. Que nossa vida manifeste a resposta corajosa e humilde ao chamado de Jesus: “Não tenhas medo; não tenhas receio de reconhecer tua condição de pecador e de aproximar-te de mim”. Esta é a experiência do fiel: ele reconhece sua pecaminosidade, mas, ao mesmo tempo, sabe-se aceito, compreendido e amado incondicionalmente pelo Deus revelado em Jesus.

6º DOMINGO DO TEMPO COMUM

16 de fevereiro

Os sinais do ministério de Jesus

I. INTRODUÇÃO GERAL

O 6º domingo do Tempo Comum nos traz uma reflexão que une a confiança em Deus diante das adversidades, a centralidade da ressurreição de Jesus e as bem-aventuranças anunciadas e vividas por ele, que abalam as estruturas sociais e econômicas da época e de hoje. A profecia de Jeremias, atuando num período de crise no Reino de Judá, adverte contra a confiança excessiva na força humana e destaca a importância da fidelidade ao projeto do Deus da vida, usando a metáfora da árvore plantada junto às águas para ilustrar a prosperidade dos que o seguem. As leituras deste domingo reafirmam a força do projeto de Jesus, oferecendo uma esperança que sustenta a vida daqueles que decidem seguir suas práticas e ensinamentos. Nesse sentido, os “ais” do Evangelho invertem os valores do mundo intolerante e sem vida para sublinhar a dimensão radical do Reino de Deus. Somos convidados a cultivar uma fê robusta, ancorada na decisão de seguir a proposta de Jesus e na esperança da

PLANO DE LEITURA ANUAL DA BÍBLIA

Paulo Bazaglia



O livro propõe um percurso para a leitura de toda a Bíblia católica ao longo de um ano. Indicam-se três leituras a cada dia.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ressurreição, que é sempre plenificada por um mundo novo, cheio de amor e justiça, já nesta existência. Portanto, viver a misericórdia e a justiça divina deve ser uma prática cumprida aqui e agora, neste mundo carente de compaixão em todas as suas dimensões.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 17,5-8)

O profeta Jeremias atuou no século VI a.C., durante um período de intensa crise no Reino de Judá, causada por ameaças de invasão e desintegração política. Nesse contexto, a mensagem profética de Jeremias torna-se urgente e necessária, advertindo que a autossuficiência leva à desolação e ao fracasso. Ele usa a metáfora do cardo no deserto para descrever aqueles que confiam apenas em si mesmos: são como plantas que não percebem a chegada da floração, vivendo em regiões áridas e desabitadas, sem prosperidade nem crescimento.

Em contrapartida, o profeta dá ênfase à árvore plantada junto às águas, que representa aqueles que confiam em Deus. Essa árvore possui raízes profundas, que se estendem em busca de umidade, e jamais teme a chegada do calor, mantendo suas folhas verdes e sempre dando frutos, mesmo em tempos de estiagem. No Oriente Médio antigo, onde a água é escassa, essa imagem da árvore plantada junto às águas simboliza a sobrevivência, a prosperidade e a vitalidade. Jeremias quer dizer, com essa metáfora, que a segurança e a estabilidade fazem parte do projeto do Deus da vida e são garantidas àqueles que nele confiam e seguem essa proposta.

Sem dúvida, a mensagem de Jeremias possui uma ressonância importante no contexto litúrgico deste domingo, convidando os seguidores do projeto de Jesus a refletir sobre a centralidade da fé em Deus na própria vida. No mundo atual, que muitas vezes valoriza a autossuficiência e o materialismo, a leitura nos desafia a reconsiderar onde depositamos

nossa confiança. A promessa de prosperidade e estabilidade para aqueles que confiam em Deus é convite a uma fé séria e profunda, que transcende as circunstâncias temporais e se enraíza na esperança eterna, sempre considerando a vida e o cuidado com ela no mundo presente.

2. II leitura (1Cor 15,12.16-20)

A leitura nos apresenta uma reflexão teológica importante sobre a ressurreição de Jesus. Paulo escreve à comunidade de Corinto, uma cidade cosmopolita e influenciada por diversas correntes filosóficas e religiosas. Nesse ambiente, ele é confrontado com certo ceticismo em relação à ressurreição dos mortos. Existem membros na comunidade que não acreditam na ressurreição e questionam sua possibilidade por influência da cultura grega, que valorizava a imortalidade da alma, mas não a ressurreição do corpo.

Paulo deixa claro que a ressurreição de Cristo é o pilar sobre o qual se sustenta toda a fé cristã. Ele argumenta que, se Cristo não ressuscitou, então a pregação cristã é vazia, a fé dos crentes é inútil e os cristãos ainda estariam em seus pecados. Essa afirmação revela a centralidade da ressurreição como um evento histórico para os cristãos e como a base da redenção e da vida nova em Cristo.

Paulo se utiliza de uma imagem agrícola familiar ao seu público, na qual as primícias representam a primeira colheita que garante e antecipa outra mais abundante. Assim, a ressurreição de Cristo é a garantia da futura ressurreição de todos os que creem nele e seguem seu projeto. Essa esperança não pode ser entendida apenas como uma expectativa futura, mas deve transformar a vida presente dos cristãos, infundindo significado e propósito na sua existência.

É preciso entender que Paulo escrevia à luz da sua compreensão da época em que vivia. Ele aborda a cultura helenística, que tinha uma visão dualista do corpo e da alma.

Para os gregos, o corpo era considerado uma prisão para a alma, e a ideia da ressurreição do corpo era absurda. Contrariamente a essa posição, o apóstolo insiste na ressurreição do corpo, sublinhando a redenção completa da pessoa humana, corpo e alma, em Cristo.

É interessante notar que essa compreensão de Paulo acerca da ressurreição de Cristo desafia as estruturas sociais e políticas do mundo romano, que venerava o imperador como um deus e promovia a *pax romana* como a salvação suprema. Nesse sentido, a ressurreição de Jesus subverte essa visão, proclamando um Reino que vai além do poder meramente terrestre e oferece verdadeira esperança de vida eterna.

A certeza da ressurreição anunciada por Paulo transforma a perspectiva sobre a morte e também sobre a vida presente, incentivando uma existência marcada pela justiça, pelo amor e pela fidelidade ao projeto do Deus da vida.

3. Evangelho (Lc 6,17.20-26)

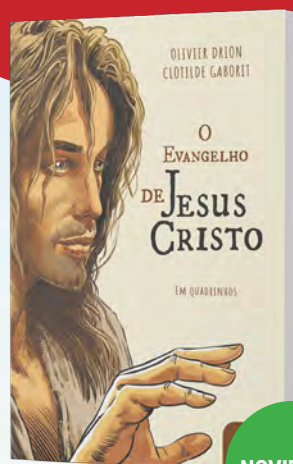
O Evangelho de Lucas, redigido entre 80 e 90 d.C., surge num período de grande tensão entre os primeiros cristãos e as autoridades judaicas e romanas. Lucas, médico conforme a função da época e companheiro de Paulo, escreve para um público predominantemente gentio, sublinhando a universalidade da mensagem de Jesus e destacando que ela é destinada a todos, independentemente de sua origem étnica, social ou econômica.

Nesse contexto, a sociedade era profundamente dividida por barreiras sociais e econômicas. A mensagem de Jesus, conforme registrada pelo evangelista, desafia as normas sociais da época. Ao proclamar as bem-aventuranças dos pobres, famintos, chorosos e perseguidos, Jesus inverte os valores do mundo. Em uma sociedade que exalta a riqueza, o poder e o *status*, a mensagem que ele anuncia destaca a importância da humildade, da solidariedade e da confiança em Deus.

O EVANGELHO DE JESUS CRISTO

Em quadrinhos

*Olivier Drion/
Clotilde Gaborit*



NOVIDADE!

Um novo olhar sobre a história mais incrível de todos os tempos. Acompanhe os passos de Jesus, como se você estivesse ali com ele.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Jesus não possuía poder político ou religioso para transformar imediatamente a situação injusta de seu povo. Ele contava apenas com a força de suas palavras. Os evangelistas registram os clamores subversivos que Jesus proclamou nas aldeias da Galileia em diversas situações. Suas bem-aventuranças permanecem gravadas na memória de seus seguidores. Jesus encontra-se com pessoas empobrecidas, que não conseguem defender suas terras dos poderosos, e declara: “Felizes os que não têm nada, porque vosso Rei é Deus”. Ao ver a fome das mulheres e crianças desnutridas, ele proclama: “Felizes os que agora têm fome, porque serão saciados”. Ao testemunhar os camponeses chorando de raiva e impotência quando os cobradores de impostos levam o melhor de suas colheitas, consola-os: “Felizes os que agora choram, porque rirão”.

Poderia parecer zombaria ou cinismo se Jesus estivesse falando de um palácio ou de uma vila de Jerusalém, mas ele está com eles, sem dinheiro, descalço e sem uma túnica de reposição. É um indigente entre eles, falando-lhes com fé e total convicção.

Jesus é realista. Ele sabe que suas palavras não significam o fim imediato da fome e da miséria dos pobres. No entanto, o mundo precisa reconhecer que eles são os filhos prediletos de Deus, e isso confere à sua dignidade uma seriedade absoluta. A vida deles é sagrada.

O que Jesus quer deixar claro em um mundo injusto é que aqueles que não interessam a ninguém são os mais queridos por Deus; os marginalizados ocupam um lugar privilegiado em seu coração; aqueles sem defensores têm Deus como Pai.

Nós, que vivemos confortavelmente na sociedade da abundância, não temos o direito de pregar as bem-aventuranças de Jesus a ninguém. Cumpre-nos ouvi-las e começar a enxergar – da mesma forma que Deus os vê – os pobres, os famintos e os que choram. Só então poderá surgir nossa verdadeira conversão.

Por fim, a mensagem de Jesus, conforme narrada por Lucas, é um chamado para a comunidade cristã de ontem e de hoje refletir sobre suas atitudes e valores. Em um mundo que frequentemente exalta o materialismo e a autossuficiência, as bem-aventuranças nos lembram da importância de uma fé enraizada na dependência do Deus da vida e na prática do amor ao próximo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Confiança no Deus da vida.* Da mesma forma que Jeremias exorta o povo a confiar no Senhor, em vez de apenas nas capacidades humanas, somos chamados a examinar onde temos depositado nossa confiança e segurança na vida. Em um mundo marcado por diversos tipos de intolerância, seguir o projeto do Deus da vida nos impulsiona a estar do lado comprometido com a vida e a justiça.

– *Ressurreição e compromisso.* A ressurreição de Cristo é o fundamento da nossa fé. Como essa verdade impacta nossa vida diária e nossa visão de futuro? A ressurreição representa vida nova, é a prática do amor em prol do bem comum. Ressurreição é atitude e compromisso diário com o Deus da vida.

– *Bem-aventuranças.* As bem-aventuranças de Jesus questionam nossas ideias sobre felicidade e sucesso. Como podemos aplicar esses ensinamentos em nosso contexto atual? O Evangelho ressoa de maneiras diferentes para diferentes pessoas. Para os pobres, é uma mensagem de esperança que os convida a encontrar consolo; para os ricos, é um chamado à transformação e à mudança de coração. Como podemos entender e vivenciar essa mensagem em nossas comunidades cristãs?

– *Convite ao compromisso.* A mensagem das leituras deste domingo ecoa ao longo dos séculos, desafiando-nos a examinar onde depositamos nossa confiança e segurança na vida. Ela quer suscitar em nós uma fé que transcenda as circunstâncias temporais, enraizando-se na esperança eterna e na transformação

pessoal e social. Que possamos responder ao chamado de Jesus com generosidade e coragem, comprometendo-nos com a construção de um mundo mais justo, solidário e compassivo, onde todos possam experimentar a plenitude da vida que Cristo nos prometeu.

7º DOMINGO DO TEMPO COMUM

23 de fevereiro

Amor aos inimigos

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras do 7º domingo do Tempo Comum nos convidam a acolher os ensinamentos éticos de Jesus, que desafiam as normas sociais e humanas com a lógica transformadora do Reino de Deus. É um convite ousado para ponderar sobre a misericórdia, o perdão e o amor ao próximo como ferramentas essenciais da vida cristã, frequentemente distorcidas para promover sistemas de poder, consumo e intolerância em nossas comunidades.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Sm 26,2.7-9.12-13.22-23)

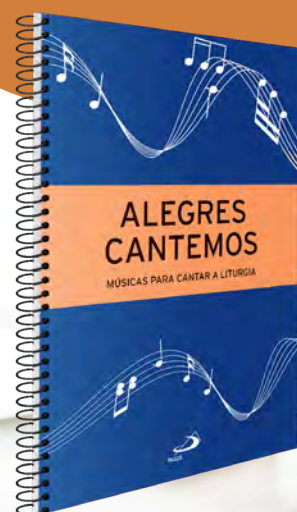
Sabemos, com base na Bíblia, que Saul foi o primeiro rei de Israel, ungido por Samuel. No entanto, ele desagradou a Deus, porque não seguiu suas instruções. Davi foi ungido por Samuel como futuro rei de Israel, o que criou um conflito de legitimidade e poder entre Davi e Saul. Esse conflito é apresentado na literatura bíblica com nuances que revelam a complexidade das relações políticas e pessoais da época.

É importante considerar que, em muitos contextos, a literatura bíblica apresenta Davi de maneira idealizada, servindo a propósitos políticos e teológicos. Quando Davi se torna uma ameaça ao reinado de Saul, passa a ser alvo de várias tentativas de assassinato. Por isso, é importante compreender esse “jogo de gato e rato” no contexto das narrativas de rivalidade política e sobrevivência.

ALEGRES CANTEMOS

Músicas para
cantar a liturgia

*Iorlando Rodrigues Fernandes
(org.)*



A obra oferece mais de mil músicas para auxiliar o povo de Deus a cantar a liturgia.



Aponte a câmera do
seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

A cena no deserto de Zif, onde Davi e Abisai se aproximam sorrateiramente do acampamento de Saul durante a noite, é emblemática. Saul é encontrado dormindo desprotegido, e Abisai sugere matar Saul ali mesmo, interpretando a situação como um ato providencial de Deus. No entanto, Davi argumenta que não é correto matar o ungido do Senhor. Esse episódio mostra a ética de Davi ou se trata de uma construção narrativa que busca legitimá-lo como um líder justo e piedoso, em contraste com Saul?

A recusa de Davi em matar Saul, por um lado, pode ser interpretada como uma demonstração de consciência ética; por outro, pode ser compreendida como uma estratégia política. Ao poupar a vida de Saul, Davi mantém a própria integridade moral e evita alienar os seguidores do rei, que poderiam considerá-lo um usurpador violento. Além disso, a insistência na inviolabilidade do “ungido do Senhor” reforça a ideia de que a autoridade de Saul, apesar de seus erros, ainda tinha uma base divina que Davi não podia ignorar sem consequências.

Davi, sem dúvida, é retratado como um líder que tenta equilibrar poder e ética, mas essa imagem deve ser entendida no contexto das tensões e necessidades políticas da época. A narrativa desafia os leitores atuais a considerar a ética do perdão e da não violência, mas também nos recorda que as decisões de liderança muitas vezes envolvem complexas considerações estratégicas, tanto para o bem quanto para o mal. A leitura da cena no deserto de Zif nos oferece, portanto, uma janela para entender a ética pessoal de Davi, bem como as dinâmicas de poder e legitimidade que contribuíram para dar novos rumos à história de Israel.

2. II leitura (1Cor 15,45-49)

Paulo escreveu a primeira carta aos Coríntios provavelmente entre 53-54 d.C. A comunidade de Corinto era mista: judeus e gentios. Nesse ambiente, havia forte influência do

pensamento helenístico e da cultura grega. As crenças sobre a vida após a morte variavam, e havia debates significativos sobre a ressurreição dos mortos. Alguns membros da comunidade questionavam a ressurreição, e Paulo estava intermediando esses conflitos.

O apóstolo utiliza a literatura do Antigo Testamento e traz a figura de Adão, o primeiro ser humano, como representante da humanidade caída e sujeita à morte, contrastando-o com Cristo, o segundo Adão, que traz a vida espiritual e a ressurreição.

“O primeiro homem, Adão, foi um ser vivo” (v. 45). Aqui, Paulo se refere a Gênesis 2,7, quando Deus forma Adão do pó da terra e sopra nele o fôlego de vida. Adão representa a humanidade em seu estado natural: mortal e sujeito ao pecado e à morte.

“O segundo Adão é um espírito vivificante” (v. 45). Cristo, ao contrário, é visto como aquele que, por meio de sua ressurreição, traz vida espiritual. A ressurreição de Jesus é central para a fé cristã e para a argumentação de Paulo, que afirma que a vida eterna é possível por intermédio de Cristo.

“Veio primeiro não o homem espiritual, mas o homem natural” (v. 46). Paulo estabelece uma ordem: primeiro, a criação terrena de Adão; depois, a nova criação espiritual por meio de Cristo. Isso reflete uma visão escatológica, em que a plenitude da redenção é realizada no futuro.

“O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre; o segundo homem vem do céu” (v. 47). O apóstolo destaca a origem de ambos: Adão é da terra, Cristo é do céu. Essa dualidade reforça a distinção entre a vida terrena e a vida celestial prometida aos crentes.

“E como já refletimos a imagem do homem terrestre, assim também refletiremos a imagem do homem celeste” (v. 49). Paulo está convidando os coríntios a refletir sobre sua transformação espiritual. Assim como os seres humanos compartilham a imagem de Adão, marcada pelo pecado e

pela mortalidade, também serão transformados para compartilhar a imagem de Cristo, marcada pela vida e pela incorruptibilidade.

No fundo, Paulo está respondendo a questões e ceticismos sobre a ressurreição, usando uma argumentação teológica e metafórica que seus ouvintes pudessem assimilar. Ele insiste na importância de compreender profundamente a ressurreição de Cristo como o fundamento da fé cristã e da esperança na vida eterna.

A mensagem do apóstolo é um chamado para viver de acordo com essa nova realidade espiritual. Ele está desafiando a comunidade de Corinto a olhar além das preocupações terrenas, que são importantes, acreditando em algo que transcende a vida terrena e adotando uma perspectiva que valorize a transformação espiritual e a vida eterna.

3. Evangelho (Lc 6,27-38)

O Evangelho de Lucas, redigido no final do primeiro século, é uma das quatro narrativas canônicas sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Destinado a ouvintes gregos e gentios, retrata Jesus como o Salvador universal, destacando temas de compaixão, inclusão e justiça social. O trecho deste domingo aborda a dimensão radical do projeto de Jesus, especialmente em relação ao amor aos inimigos, mensagem que desafia as normas sociais da época. Jesus redefine a interpretação da Lei e estabelece princípios éticos que confrontam o senso comum.

“A todos vocês que me ouvem, eu digo: amem seus inimigos e façam o bem aos que os odeiam” (v. 27). Como podemos, em nossa condição de crentes, responder a essas palavras de Jesus? Deveríamos remover essa instrução do Evangelho? Ignorá-la em nossa consciência? Adiá-la para um momento mais conveniente?

Independentemente das culturas, a atitude predominante das pessoas com relação aos inimigos – aqueles dos quais esperamos apenas o mal – não muda muito. Lísias, um

VERDADE E MENTIRA

Quando o amor ao próximo é também amor à verdade

Gerson Camarotti entrevista Dom Odilo Pedro Scherer



NOVIDADE!

Qual é a relação entre verdade, ética e amor ao próximo? Por que as pessoas mentem? Qual é o preço de se manter fiel à verdade? Questões como essas são respondidas por Dom Odilo Scherer em entrevista concedida ao jornalista Gerson Camarotti.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ateniense do século V a.C., expressou a visão predominante na Grécia antiga, que ainda ecoa atualmente: “Acredito que alguém deve prejudicar seus inimigos e servir seus amigos”.

Assim, o mandamento evangélico de amar os inimigos assume uma importância revolucionária, sendo considerado pelos estudiosos como a expressão mais clara da mensagem cristã. Quando Jesus ensina sobre amar os inimigos, não está propondo um sentimento de afeto ou carinho, mas uma atitude de genuíno interesse pelo bem-estar deles. Jesus argumenta que a verdadeira humanidade é fundamentada no amor, e isso implica não excluir os inimigos. Ser verdadeiramente humano é respeitar a dignidade do inimigo, independentemente de quão distorcida ela possa parecer. Em vez de amaldiçoar, Jesus ensina a abençoar.

Esse amor abrangente, que busca o bem de todos sem exceção, representa a contribuição mais humanizadora que os seguidores do Evangelho de Jesus podem oferecer à sociedade. Em momentos em que parece impossível amar o inimigo, quando estamos profundamente feridos e precisamos de tempo para recuperar a paz, é crucial lembrar que também dependemos da paciência e do perdão de Deus. Por fim, o Evangelho de Lucas apresenta um conjunto de ensinamentos éticos revolucionários. Jesus desafia seus discípulos a amar os inimigos, perdoar, dar sem esperar retribuição e não julgar. Sem dúvida, esses ensinamentos representam a ética radical do Reino de Deus, que transcende as normas sociais contemporâneas. Jesus nos convoca a viver não pelo princípio da reciprocidade humana, mas pela generosidade divina, que alcança até mesmo aqueles que nos prejudicam. Trata-se de mensagem mais que provocante para os dias atuais!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Liderança e ética política.* A narrativa de Davi e Saul no deserto de Zif proporciona um olhar atento sobre as dinâmicas éticas e

políticas tanto na esfera da liderança quanto em nossa vida pessoal. Como podemos aplicar os princípios da ética pessoal e da estratégia política em nossa atuação no mundo contemporâneo?

– *Espiritualidade e ressurreição.* A reflexão teológica de Paulo sobre a ressurreição e a transformação espiritual nos convida a considerar como nossas crenças fundamentais sobre a vida após a morte influenciam nossa conduta ética e nossa esperança no futuro.

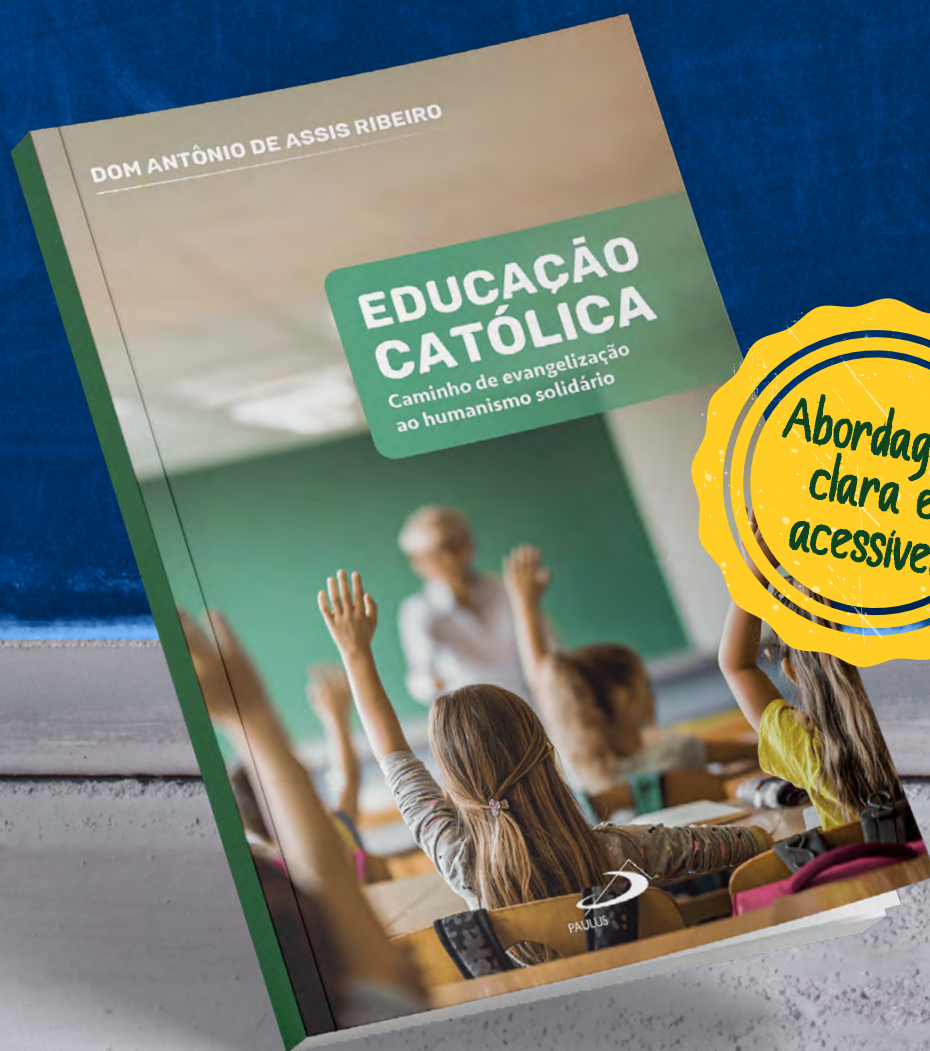
– *A ética do Reino e o amor aos inimigos.* O ensinamento de Jesus é profundo e desafia as normas sociais ao propor o amor aos inimigos e a prática da generosidade sem esperar retribuição. Como podemos aplicar esses princípios no contexto das relações interpessoais e sociais atuais? Seria viável, ou é mais simples criar outras interpretações das instruções de Jesus?

– *Convite ao compromisso.* O 7º domingo do Tempo Comum nos convida a uma experiência reflexiva sobre a ética do Reino de Deus. Em meio às incertezas e desafios do mundo contemporâneo, somos provocados a viver segundo os princípios da misericórdia, do perdão e do amor incondicional, ensinados por Jesus. O perdão cristão não pode ser reduzido a um ato de justiça ou imposto como um dever social. Juridicamente, o perdão não tem lugar; o código penal não contempla o ato de perdoar. O gesto surpreendente e, muitas vezes, heroico do perdão surge do amor gratuito, sem depender de condições prévias. Não exige nem reivindica nada em troca. Quando perdoamos, é por amor genuíno. Estabelecer condições para o perdão é distorcer sua verdadeira essência. Que esses ensinamentos sejam mais do que reflexões teóricas, tornando-se o fundamento de uma vida comprometida com a construção de um mundo mais justo e compassivo, que reflita a imagem do Reino do Deus da vida.

vp

O educador católico é um semeador de esperança

ORIENTAÇÕES PRÁTICAS PARA SEREM DESENVOLVIDAS ATRAVÉS DA
PASTORAL DA EDUCAÇÃO E NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES.



Aponte
a câmera do
seu celular
e garanta
o seu!



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @ @ @editorapaulus

Bíblia Pastoral

Letra Grande

Mais conforto e praticidade
na hora de ler a Palavra de Deus.

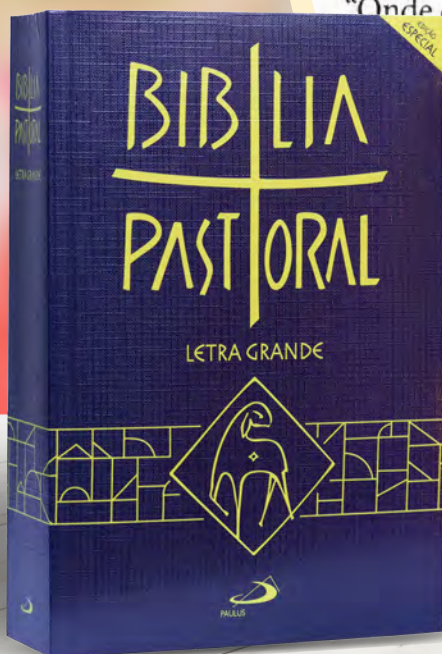
...o filho. E ele o chamou
...me de Jesus.

2 *Visita dos magos* – ¹Depois
Jesus nasceu em Belém da
Judéia, no tempo do rei Herodes,
que uns magos do oriente che-
garam a Jerusalém, ²perguntan-
do: “Onde está o recém-nascido rei
dos judeus?” ³Porque avistamos su-
a estrela no oriente e aqui vimos
para prestar homenagem”. ⁴Então
o rei Herodes ficou

- Facilita a leitura
- Simplifica a busca por trechos específicos
- Ideal para leitura em grupo



Aponte
a câmera do
seu celular
e garanta
a sua!



**VARIEDADE DE CAPAS,
ACABAMENTOS E FORMATOS**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus